

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Juliana Bertani

**A busca de uma vida saudável:
da boa forma ao corpo numérico**

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

São Paulo

2020

Juliana Bertani

**A busca de uma vida saudável:
da boa forma ao corpo numérico**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Semiótica, sob a orientação do Prof. Dr. Rogério da Costa.

São Paulo

2020

Autorizo, para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação por processos fotocopiados ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Data: _____

e-mail: julianaabertani@gmail.com

Juliana Bertani

A busca de uma vida saudável: da boa forma ao corpo numérico

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Semiótica sob orientação do Prof. Dr. Rogério da Costa.

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério da Costa – PUC-SP

Prof. Dra. Helena Katz – PUC-SP

Prof. Dra. Gisela Granjeiro da Silva Castro – ESPM-SP

O presente trabalho foi realizado com apoio do Ministério da Ciência,
Tecnologia, Inovações e Comunicações – Brasil (CNPQ)

This study was financed in part by the Ministry of Science,
Technology, Innovations and Communications – Brazil (CNPQ)

Número de processo 134 071-2018-2

AGRADECIMENTOS

À oportunidade de iniciar um caminho de estudos a partir de professores que respeitam, propõem e constroem processos de conhecimento e pesquisa como caminhos divergentes, horizontais e indisciplinados, distanciando-se de molduras institucionais que preveem apenas processos convergentes de ensino, para, assim, poder construir conhecimento crítico a partir de novas pontes de questionamentos.

Aos meus familiares, namorado e amigos pelo incentivo e acolhimento.

BERTANI, Juliana. **A busca de uma vida saudável: da boa forma ao corpo numérico**. 2020, 78f. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, Brasil, 2020.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar os discursos de normatização do corpo veiculados na mídia, que produzem o corpo numérico, manifestando-se através do conceito de *corpo saudável*. Nesse sentido, ela buscará apontar as estratégias discursivas que fazem da métrica corporal algo consumível, transformando a extensão do corpo em *medida de todas as coisas*. Uma análise a respeito desses discursos e seu impacto sobre a sociedade pretende ser uma forma de problematizar os atuais dispositivos de controle sobre o corpo, a saúde e a forma física, contribuindo para uma crítica no processo de conhecimento da relação corpo-saúde. Serão recolhidos, selecionados, discriminados e comparados materiais comunicacionais e informacionais a respeito da relação corpo-saúde em recortes da revista *Boa Forma*. A revista *Boa Forma* foi adotada como material de análise por ser um veículo de comunicação voltado para o grupo específico de informações e discursos a respeito do corpo-saúde-forma física, sendo assim importante compreender como essas dimensões são representadas por ela, considerando também sua importância nos processos de subjetivação do sujeito. Os conceitos de Biopolítica e Biopoder serão tratados por meio das contribuições do autor Michael Foucault (1978) e os conceitos de Bioeconomia, Subjetividade e Cidadania Ativa serão trabalhados a partir da reflexão do sociólogo Nikolas Rose (2013).

Palavras-chave: Corpo saudável; Mídia; Biopolítica; Biopoder

BERTANI, Juliana. **The pursue for a healthy life, good shape and numerical body**. 2020, 78f. Master's thesis. Program of Post-Graduate Studies in Communication and Semiotics. Pontifical Catholic University of São Paulo. São Paulo, Brazil, 2020.

ABSTRACT

This research aims to investigate the normative discourses of the scales of the body broadcasted in the media, which are expressed through the concept of a *healthy body*. Therefore, it is going to indicate the discursive strategies that make the body metrics something consumable, transforming the extension of the body into the measure of all things. An analysis regarding these discourses and its impact on society intend to be a way of problematizing the current mechanism of control on the body, the health and the physical form, contributing to a criticism to the process of knowledge of the relation body-health. Communicational and informational materials regarding the body / health relationship will be collected, selected, discriminated and compared, since the beginning of the 21st century, from the magazine *Boa Forma*. *Boa Forma* magazine was adopted as analytical material because it is a communication vehicle focused on the specific group of information and discourses about the body-health-physical form, and it is therefore important to understand how those dimensions are represented by it, also considering its importance in the subjectivation processes of the subject. The concepts of Biopolitics and Biopower are going to be addressed through the contributions of the author Michel Foucault (1978), the concepts of Bioeconomics, Subjectivity and Active citizenship are going to be developed from the sociologist Nikolas Rose (2013).

Keywords: Healthy Body; Media; Biopolitics; Biopower

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Reportagem “Antiginástica: Harmonia e equilíbrio”	25
FIGURA 2 – Publicidade – Capa da revista <i>Boa Forma</i>	26
FIGURA 3 – Capa da Revista <i>Boa Forma</i>	27
FIGURA 4 – Capa da Revista <i>Boa Forma</i>	28
FIGURA 5 – Publicidade – Vênus	29
FIGURA 6 – Publicidade – Moviment	30
FIGURA 7 – Fotos de leitoras	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 O DISCURSO DA REVISTA <i>BOA FORMA</i>	23
NA VEÍCULAÇÃO DO CORPO SAUDÁVEL.....	23
2.1 A biopolítica e os circuitos da bioeconomia na privatização da saúde.....	37
2.2 Consumidor saudável: um investidor individual e ativo.....	47
3 CORPO NUMÉRICO: MEDIDAS E CONTROLE DO PRÓPRIO CORPO	51
3.1 Medidas corporais: medidas simples e complexas	53
3.2 Medidas corporais: nutricional.....	57
3.3 Medidas corporais: <i>Apple Watch</i>	58
3.4 Consumo da experiência do próprio corpo	59
3.5 A mídia na modulação da cultura e da experiência do corpo	63
CONCLUSÃO.....	69
REFERÊNCIAS	75

1 INTRODUÇÃO

O título *saudável* assim como a construção de um *corpo saudável* são constantemente veiculados pela mídia com o objetivo aparente de comunicar sobre a saúde do corpo. O adjetivo saudável se relaciona ao que é *bom para a saúde* ou o que *revela a saúde*. Entretanto, a noção de corpo saudável tem sido relacionada, geralmente, com um padrão adequado de corpo e não exatamente com sua saúde e, nesse caso, o que estaria sendo produzido pela mídia seria um conceito de saúde ligado às *medidas do corpo*.

Ter um *estilo de vida saudável* se traduz em uma forma de viver a vida com saúde, o que é incontestavelmente buscado por muitas pessoas atualmente. Quem não quer, afinal, ser saudável? Porém, ao realizar uma análise do sentido dos discursos midiáticos junto ao título saudável, é contestável a ideia de saúde a que esse sentido tem se relacionado.

A saúde foi por algum tempo considerada um estado em que era possível viver com ausência de doença. Quando alguma doença aparecia, o indivíduo se preocupava em retornar ao estado de saúde. E assim se mantinha a relação entre saúde e doença. Porém, algo emerge entre esses dois estados, produzindo um novo conceito, uma nova rotina. A rotina de buscar ser saudável, todos os dias, para evitar o risco de doenças. A *busca* por saúde e o *risco* da doença começaram a fazer parte de uma vida conceituada saudável. Quando ser saudável se transforma em uma rotina, esse estilo de vida acaba se tornando, também, algo muito rentável para determinado segmento de negócios.

A busca diária pelo corpo saudável não representa, muitas vezes, uma busca por saúde. E, sim, uma busca pelo mercado do saudável. Um mercado que foi seduzindo e produzindo socialmente uma ideia de saúde na qual o corpo é aprisionado e modalizado. O corpo saudável precisa ser *fit* na medida certa. O título *saudável* está em produtos de estética e beleza, em alimentos processados, em dicas imperdíveis e cirurgias plásticas de médicos renomados, produzindo um corpo “saudável”, que estará pronto para postar uma *self* invejável nas redes sociais.

A análise de discurso da revista *Boa Forma*, em torno do título saudável, a que me dedico neste estudo tem como objetivo avaliar quais são os núcleos de sentido estabelecidos para o título saudável e analisar seus efeitos na subjetividade. Que tipo de corpo o corpo saudável produz?

A revista brasileira *Boa Forma*, da editora Abril, começou a circular como uma segmentação da revista *Saúde* em 1987. É direcionada para o público feminino e relacionada a assuntos de saúde, estética, *fitness* e nutrição. Sendo uma segmentação da revista *Saúde*, porém

com o título de *Boa Forma*, ela não deixou de utilizar as palavras saúde e saudável. Contudo, quando o conteúdo da revista *Boa Forma* utiliza em suas páginas as palavras saúde e saudável, contempla um significado que sugere, ao contrário de saúde, um corpo modelar e aprisionado, reforçando comportamentos e hábitos não saudáveis.

Em uma edição de 1993, da revista *Boa Forma*, na seção reservada à carta da editora, é possível observar o sentido do uso das palavras saúde e saudável relacionado a um corpo *fit* e a padrões de beleza. O fragmento da revista também dialoga sobre a transição da revista *Boa Forma* para uma publicação independente, a partir da revista *Saúde*.

Há exatos oito anos, surgia nas bancas do país uma edição especial da revista SAÚDE chamada GUIA DA BOA FORMA. Seu sucesso foi tanto que em pouco tempo ela se tornou uma publicação independente e mensal... Bem sabemos das dificuldades de se seguir à risca todos os *ditames* da saúde e do condicionamento físico... Por isso, a partir dessa edição, BOA FORMA passa a ter muito mais a sua cara: a de uma pessoa preocupada com a *estética* e a *saúde do corpo*... Não adianta ter cada milímetro do corpo no lugar e a saúde absolutamente perfeita se a gente não tiver contente com a vida. Queremos caminhar ao seu lado, para torná-la cada vez mais *bonita, saudável... e feliz!* (BOA FORMA, 1993, ano 8, n. 4; grifos meus).

Quando a editora da revista, nesse trecho, utiliza a expressão “ditames da saúde”, observa-se o sentido da palavra saúde associado a algo que está sendo ditado como uma ordem, obrigação ou regra. Já o fragmento da frase “preocupada com a estética e a saúde do corpo”, promove um sentido de saúde como uma preocupação. Além disso, a palavra saúde se aproxima da palavra estética, criando entre elas uma associação. Essa associação da palavra saúde com a palavra estética se repete com bastante frequência nas edições analisadas.

No final da citação, também se associam três palavras: bonita, saudável e feliz. Juntas, essas palavras dão força ao sentido que carregam, de que ser saudável se relaciona com beleza e que isso produz felicidade. A revista *Boa Forma* naturaliza o discurso de associação de saúde com corpo “saudável”.

O discurso midiático do corpo saudável não só produz um sentido que não se refere a saúde, mas a medidas do corpo, o que também pode ser observado por uma perspectiva social. Quando o corpo do sujeito foi socializado como objeto pelo capitalismo, a saúde começou a ser tratada como uma mercadoria, “A saúde não é tratada como social e coletiva, mas centrada no indivíduo.” (FOUCAULT, 2019, p. 143). A privatização da saúde colaborou com o crescente desaparecimento das políticas públicas de saúde, que é um dever constitucional do Estado. A produção crescente do consumo no mercado do saudável, ocupando o lugar do que deveria ser

uma preocupação do estado com a saúde pública, transfere para o indivíduo a responsabilidade em relação a sua saúde e ainda permite a abertura para uma saúde privatizada e consumível.

A associação da saúde com um investimento individual e diário, por meio do corpo saudável, é também baseada na classe social. Ela fica muito distante quando não há políticas públicas de saúde, em locais onde não há, por exemplo, serviços de saneamento básico. A finalidade desses serviços públicos, como o saneamento básico, que deveriam ser um direito obrigatoriamente disponível a todos os brasileiros, é de prevenir doenças e promover saúde. Dados recentes publicados pelo jornal digital *Nexo Jornal* informam que “De acordo com um relatório do Instituto Trata Brasil, que usa dados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento, 49,8% da população do país não têm coleta residencial de esgoto e 35 milhões de pessoas não têm acesso a água potável”¹. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que “1.935 dos 5.570 municípios brasileiros, ou 34,7% do total, ainda registram epidemias e endemias relacionadas à falta ou à deficiência de saneamento básico”².

Compreender a situação social precária de uma constante privação de saúde, que tem como consequências mortes e doenças para uma quantidade enorme de pessoas, incluindo crianças, adultos e idosos, amplia a crítica que permite perceber um outro lado da situação, em que a saúde é estimulada como um produto apenas para gerar lucros e um imenso mercado médico e estético. É possível observar como também é frívola e comercial a associação do mercado do saudável com a saúde.

Um amplo mercado, impulsionado por práticas, procedimentos e produtos direcionados para o corpo, com o objetivo de intensificar o consumo da saúde, tem se tornado cada vez mais crescente. Esse crescimento do mercado da saúde tem acentuado o aparecimento de vidas com rotinas cheias de obrigações. Essas novas rotinas se baseiam em um novo conceito de saúde.

No momento em que Foucault, Deleuze e Guattari promoviam a crítica do conceito de *sujeito* em favor da ideia de *processos de subjetivação*, ou seja, no final dos anos de 1970, já estava em curso uma verdadeira revolução no campo das biotecnologias e dos estudos da genética. Essa movimentação da ciência, até então subterrânea aos olhos do público, iria determinar toda uma nova forma de relacionamento da sociedade com o conceito de *vida* e de *saúde*, fato que se inicia ao longo dos anos de 1990. A tradução dessa emergência se deu, de uma maneira geral, quando da propagação nos meios midiáticos das diversas inovações que a ciência estaria promovendo no campo da genética, dos transplantes, implantes, cirurgias, alimentação, transgênicos

¹ Reportagem disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/05/31/Como-a-falta-de-saneamento-b%C3%AAsico-no-Brasil-reflete-e-acentua-a-desigualdade-social>. Acesso em: 24 dez. 2019.

² Dados disponíveis em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude.html>. Acesso em: 24 dez. 2019.

etc. Essa transposição do discurso científico para o público leigo significou uma mudança considerável para uma enorme gama de hábitos e costumes das populações, bem como para o conceito de saúde que passou, gradativamente, a ser entendido no interior da esfera mais ampla da *vida saudável* ou estado de *bem-estar*. (COSTA, 2016, p. 14).

A esfera do conceito de saúde se ampliou e também se mercantilizou no seu relacionamento com a sociedade desde os anos de 1990. Essa forma ampliada de pensar a saúde, como um hábito em busca de um estilo de vida saudável que proporcione um estado de bem-estar, carrega sentidos mercadológicos para essa nova rotina. E, além disso, cria preocupações para aqueles que não conseguem cultivar tais hábitos. A vida saudável se relaciona, assim, mais com uma meta mercadológica, que traz malefícios para as corporeidades. O estado de saúde e de bem-estar, propostos pelo novo e incontestável estilo de vida saudável é o que trago para a discussão nesta pesquisa. Discutir e problematizar a necessidade de desassociar a saúde do corpo saudável, diante das perguntas: Qual entendimento de corpo a proposta de corpo saudável produz? Qual subjetividade nasce para o corpo a partir do entendimento de saúde como algo individual e como uma meta diária?

2 O DISCURSO DA REVISTA *BOA FORMA* NA VEÍCULAÇÃO DO CORPO SAUDÁVEL

A associação do conceito saudável com a saúde se estabilizou nos discursos midiáticos. Ao analisar a revista *Boa Forma*, da década de 1990 até a atualidade, foi possível perceber que o que se entendia por saúde a partir desse conceito foi sofrendo mudanças. As mudanças do conceito saudável estiveram firmemente relacionadas com estratégias políticas e econômicas. Essas relações puderam ser observadas diante de uma análise crítica dos discursos veiculados na revista *Boa Forma*.

Nessa análise, observou-se que a produção midiática do conceito saudável tornou positiva a premissa de ser saudável. Positiva no sentido de que ser saudável é ter saúde e também porque é clara, cotidianamente, a percepção de que os sujeitos reproduzem ou fazem de tudo para reproduzir esse hábito. Portanto, os discursos que a mídia veicula vão se transformando em discursos de verdade.

Os *media*, hoje, atuam não só como os antigos dispositivos de disciplinamento, pois constituem parte dos novos aparelhos de discursivização (ou aparelhos semióticos) da sociedade de controle: os *media* eletrônicos virtual/interativos, o cinema tipo hollywoodiano, os *media* de entretenimento, os *media* tradicionais, o marketing e a publicidade e, enfim, as redes. Os corpos encarnam os discursos, atuando na sociedade de controle mais por capilaridade e por disseminação de imagens, linguagens e *captionages* do que por lógicas exclusivas de punição e premiação. (PRADO, 2013, p. 107; grifos do autor).

Sendo a mídia responsável por parte dos aparelhos de discursivização, faz encarnar os seus discursos na subjetividade dos sujeitos. Assim, a análise de discurso desta pesquisa procura entender qual o sentido empregado pelo conceito de saudável na produção de um corpo saudável. A análise foi embasada no livro *Análise de conteúdo* (1977), de Laurence Bardin, a fim de mapear os discursos em torno do conceito de saudável construído pela revista *Boa Forma*. Para subsidiar a problematização, serão apresentados alguns dados de uma pesquisa realizada junto à Revista *Boa Forma*, no período de 1990-2016.

A leitura efetuada pelo analista, do conteúdo das comunicações não é, ou não é unicamente, uma leitura «à letra», mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano. Não se trata de atravessar significantes para atingir significados, à semelhança da decifração normal, mas atingir através de significantes ou de significados (manipulados), outros «significados» de natureza psicológica, sociológica, política, histórica etc. (BARDIN, 1977, p. 41).

Antes de se tornar uma publicação independente, a revista *Boa Forma* fazia parte de uma seção da revista *Saúde*, também da editora Abril. A seção destinada ao título “Boa Forma”, dentro da revista *Saúde*, em 1990, falava em saúde e corpo. A conexão discursiva dessa relação era diferente da que veio a se desenvolver nas edições futuras independentes da revista *Boa Forma*.

Quando pensado o conceito de boa forma, naquele momento, as reportagens se relacionavam com corpos reais, corpos que pensavam em fortalecimento e movimento para as tarefas do dia a dia. Como reais refiro-me a um corpo que não era somente pensado em padrões de medidas e formas, dentro de um padrão idealizado. As expectativas de movimentar o corpo não eram apenas relacionadas a uma necessidade de ser *fit* e também fugiam de um pensamento de movimentos automatizados e mecânicos. Eram, na realidade, relacionadas a aspectos da rotina da vida. Um exemplo disso pode ser observado no trecho da reportagem “Antiginástica: Harmonia e equilíbrio”:

Venha conhecer a “ginástica ao contrário”. É um método de conscientização corporal baseado no trabalho da terapeuta francesa Thérèse Bertherat, que consegue verdadeiros milagres para a saúde corpo/mente... Os treinos, que geralmente trabalham os corpos como se fossem máquinas, estavam me lesando, lembra. Reeduquei minha postura e me sinto melhor. A antiginástica, nascida na Europa logo após a II Guerra Mundial, é um programa de exercícios baseados em alongamentos, dirigidos à coluna vertebral. Ao contrário de uma aula comum de alongamento, porém, os exercícios não são automatizados. Exigem, entretanto, muita concentração. Visam, além da melhor flexibilidade muscular e articular, o equilíbrio postural cotidiano. A antiginástica também é útil para quem, por força da profissão, não tem boa postura no dia a dia, como dentistas e datilógrafos. (MARTÃO, 1990, p. 35).

A foto da reportagem (Figura 1) traduz uma estética de corpo leve, mais próxima do real, com roupas largas e confortáveis. É importante ressaltar que a referida reportagem não estava livre de padrões mercadológicos, porém, havia ainda alguma conexão discursiva e estética com um corpo real, e não com um corpo padronizado.

Figura 1 – Reportagem “Antiginástica: Harmonia e equilíbrio”



Fonte: Revista *Saúde é vital* (fevereiro/1990)

Quando a revista *Boa Forma* se torna uma edição independente, nos anos 1990, há uma diferença no seu conteúdo com relação ao discurso e à imagem em torno do corpo e sua saúde. Fica evidente em suas páginas a produção de conteúdo com uma estética que pretende divulgar e incentivar as formas e contornos do corpo como um padrão. Inauguram-se propagandas de aparelhos de ginástica, assim como aulas de ginástica em academias, com os melhores professores do Brasil e as melhores dicas de aulas de aeróbica.

Justamente nessa época ocorre uma abertura econômica no Brasil para o mercado dos aparelhos de ginástica, nova tecnologia que estava chegando no país. A cultura *fitness* já estava difundida nos Estados Unidos uma década antes, com a ginástica aeróbica. A atriz Jane Fonda era vista como a “guru dos exercícios físicos”, já na década de 1980, produzindo vídeos sobre ginástica aeróbica e preparação física, o que foi um grande sucesso e influenciou a criação e divulgação de um corpo com *boa forma*.

Com a possibilidade da abertura econômica e a chegada de novas tecnologias de aparelhos de ginástica no Brasil, as academias, a partir dessa perspectiva de um corpo *boa forma*, tornaram-se um mercado muito lucrativo. É perceptível essa influência na edição de

1993 da revista *Boa Forma*. As páginas se destinaram a produzir conteúdo sobre essa nova tendência: dirigir um mercado e uma lucratividade em torno em um corpo *fitness*.

Quais são as questões mobilizadas no desejo de fazer exercícios, e até ir à academia, para quem opta por isso? Esses hábitos podem trazer benefícios à saúde, sem dúvida. A questão que se observa é a criação de um mercado que gira em torno do corpo que cria uma boa forma, um modelo, exigindo esse ideal e, com isso, um aprisionamento do corpo em padrões exigidos socialmente, o que o subjetiva. Outra questão é que o mercado do corpo e da boa forma utiliza a palavra saúde e saudável, aparentemente, apenas como um discurso para somar valor e criar o sentido de que beleza, boa forma e *fitness* são também saúde. É possível ver o deslocamento da palavra saúde, que acompanha a revista *Boa Forma* quando ela passa a ser independente, saindo da revista *Saúde*. Porém, essa associação parece ser apenas uma alternativa mercadológica para somar o valor da saúde à boa forma. É importante também ressaltar que a revista *Saúde* igualmente carrega em seu conteúdo um incentivo mercadológico a respeito do corpo e da saúde. Porém, esse fio condutor que descrevo, faz parte da construção da análise de uma narrativa apenas da revista analisada.

A partir da análise da imagem de três capas da revista *Boa Forma*, nos anos de 1990, 1993 e 2006, nota-se a distinção entre elas em relação ao sentido produzido da imagem do corpo, com a passagem do tempo. O conteúdo das reportagens anunciadas em cada uma das capas também foi observado (Figura 2).

Figura 2 – Publicidade – Capa da revista *Boa Forma*



Fonte: Revista *Saúde é vital* (fevereiro/1990)

A primeira imagem, da capa da edição de 1990, simboliza o corpo de uma forma leve e mais próxima do real. Roupas largas e atitude natural da modelo da capa, que anda de bicicleta pela rua. Não é exibido, prioritariamente, seu corpo ampliado e desnudo, ocupando quase toda a capa, como nas edições seguintes. Ela está sob a bicicleta e o fundo sugere um parque ou rua. O subtítulo, acima do título Boa Forma, menciona: “Academias: boas surpresas a sua espera”, sugerindo apoio ao fato de que nessa época as academias estavam em expansão com novas tecnologias de aparelhos de ginástica, como comentei anteriormente. Como matéria, títulos também mais ingênuos, como “O poder da respiração: Para multiplicar energias e relaxar” e “Ciclismo: A saudável invasão das duas rodas”.

Já bastante diferente, a edição de 1993 (Figura 3) dimensiona um conteúdo de imagem e reportagens mais próximo da noção de corpo idealizado. Na capa a modelo Luiza Brunet, de maiô, com o corpo exibido como conteúdo central e ampliado. As matérias principais: “Como descobrir a dieta certa”, “20 dicas para manter a forma” e “Aeróbica, aula grátis com o professor mais caro do Brasil”, divulgando o mercado das academias e da ginástica aeróbica.

Figura 3 – Capa da Revista *Boa Forma*



Fonte: Revista *Boa Forma* (março/1993)

Na edição de 2006 (Figura 4), o corpo da modelo se mantém como conteúdo principal da capa. Ela agora aparece de *biquíni*. Coincidentemente é a mesma modelo, Luiza Brunet. Os

títulos das matérias também com apelo à forma do corpo e a novas dietas “Luiza Brunet, - 7 kg, a dieta ortomolecular e outros segredos para chegar aos 45 anos e “O biquíni que acerta seu corpo”. A associação das três capas, pode ajudar a entender que, com o surgimento de um mercado lucrativo das academias, não se cria apenas uma forma de exercício, mas um corpo modelar, que precisa *acertar* seu tamanho, *mantendo* a sua forma.

Figura 4 – Capa da Revista *Boa Forma*



Fonte: Revista *Boa Forma* (novembro/2007)

Na mesma edição da revista de março de 1993, nas páginas internas, nota-se a aproximação da representação de um corpo *fit* com a palavra saúde, em, por exemplo, duas propagandas de aparelhos de ginástica. Na primeira foto (Figura 5), temos o título “Maurício Mattar é saúde com qualidade Vênus” e, na segunda foto (Figura 6), “Saúde e beleza para o seu corpo”. Ambos exibindo um corpo *fit*.

Figura 5 – Publicidade – Vênus

**Maurício Mattar
é saúde com
qualidade Vênus.**




Roadmaster
Esteira elétrica
com velocidade
variável. Inclinável.

Computadorizada com indicação de tempo,
velocidade, distância, calorias queimadas e
pulsação.





Super Curinga.
São mais de 40
exercícios para
todo o corpo.

Uma super academia em pouco espaço.
Permite duas pessoas treinarem simultânea-
mente. O exercício do Step é opcional.

Bicicleta Vênus
Computadorizada. Indicador
de tempo e distância
(programáveis). Marcador de
velocidade e calorias
queimadas.




Remo-seco. Para
trabalhar abdômem,
peito, braços, pernas e
costas.

Entregamos em todo o país.
Fabricação Própria.
Mais de 70 variedades de produtos.
Toda a linha de aparelhos para academia.

SAÚDE É FUTURO



**ANO
15**

Vênus
EQUIPAMENTOS PARA GINÁSTICA

Fonte: Revista *Boa Forma* (março/1993)

Figura 6 – Publicidade – Moviment

SAÚDE E BELEZA PARA SEU CORPO

BICYCLE BM-2000-C

- Silenciosa
- Possui sistema magnético no controle de frenagem que elimina toda o atrito e eventual desgasta.
- Equipada com painel digital capaz de realizar 05 funções: velocidade, tempo, distância, calorias e carga.

GARANTIA TOTAL DE 01 ANO

ESTEIRA WALKER EM 750

- Simula caminhadas
- Melhora sua capacidade cardio-respiratória
- Silenciosa
- Ocupa apenas 1,30 x 0,30 m
- Painel digital com 03 funções: velocidade km/h - tempo - distância

GARANTIA TOTAL DE 06 MESES

Moviment

Fonte: Revista Boa Forma (março/1993)

Nessa perspectiva, a saúde começa a ser relacionada, pela revista, com padrões estéticos idealizados que combinam mais com um mercado de saúde. São notáveis as propagandas de aparelhos de ginástica e a relação que se fez de ideal estético e saúde. As palavras *forma*, *beleza* e *saúde* aparecem quase sempre juntas. Beleza e saúde, estética e saúde, boa forma e saúde. A junção dessas palavras impulsiona um sentido de que naquele momento a saúde já começava a se tornar uma mercadoria.

Na mesma edição de 1993, algumas frases dentro da revista, mesmo mantendo a associação de forma, beleza e saúde, desaceleram o ritmo de rotina saudável e *fitness* que estaria prestes a se formar com mais intensidade, negando folgas e férias. Quando essa rotina de ser saudável se estabiliza, nos próximos anos com mais intensidade, limites servirão para serem ultrapassados e o excesso de preocupação vai fazer parte de uma corrida diária para ser saudável. No fragmento, temos uma exemplificação deste cenário,

No meio está a virtude, 20 dicas para manter a forma, a beleza e a saúde sem ser radical. Ou para ser feliz sem culpa. Há 20 dicas para chegar nesse caminho do meio. Algumas frases dentro destas 20 dicas: “Dieta em excesso é prejudicial”; “Não fique só nas saladas e legumes. Isso pode causar tonturas, fraqueza e anemia”; “Não seja escrava da balança”; “Dê tempo ao corpo”; “Não se culpe pela ausência de atividade física nas férias”; “Respeite seus limites”; “A saúde total inclui o corpo e a mente”. (SILVEIRA, 1993, p. 60-61).

A partir da edição de 1997, a associação criada pela revista que une o sentido de corpo, saúde e beleza é bem estabelecida e a publicação não retorna mais a nenhum tipo de desassociação ou desaceleração desse vínculo. Ao contrário disso, essa associação se fortalece e cria um novo estilo de vida, que é o estilo de vida saudável. O estilo de vida saudável começa a ser fortemente divulgado, dando potência a essa associação. Ele vai se fortalecendo como uma meta e um objetivo diário de estarmos sempre em busca de ser magra, bonita e saudável. Na contracapa da revista, em um espaço destinado a apresentar as ideias principais da edição, nota-se a criação de uma narrativa que confirma essas associações. Essa narrativa vai se firmando como um discurso de verdade nessa e nas próximas edições,

Perder peso com saúde e nunca mais engordar. Esta edição especial da BOA FORMA vai ajudá-la nesse objetivo. Selecionamos dicas para cortar as calorias na hora de preparar as refeições, descobrimos os truques das atrizes e modelos para manter o corpo bonito. Porque mais do que seguir essa ou aquela dieta, o principal é fazer uma verdadeira mudança na sua vida, adotando um estilo saudável. Espero que as informações e dicas desta revista ajudem-na a conquistar um corpo em forma, e, o mais importante, sem abrir mão de uma vida saborosa e saudável. (TEIXEIRA, 1997, p. 5).

Questiona-se a transformação do conceito de saúde do século XX para o século XXI, incentivado pela veiculação midiática da revista *Boa Forma* quando pretende informar sobre saúde e corpo. O novo conceito de saúde se fortalece com a solidificação da criação de um corpo que deve ser saudável. O corpo saudável e o estilo de vida saudável são traduzidos em: precisamos manter a forma e o modelo e padrão de corpo demonstrado no conteúdo da revista. Ter o corpo saudável é “correr atrás do prejuízo”. Na edição da revista de 2006, já estava solidificada a relação de que ser saudável é ter um corpo *fit*. Dois exemplos, na seção interativa da revista, de duas leitoras, parecem demonstrar que o discurso de verdade a respeito dessa transformação do conceito de saúde, se subjetiva nesse entendimento do que é ser saudável,

“Eu também quero. Canssei de ver mulheres lindas e ficar apenas no desejo de ter a mesma aparência. Eu quero envelhecer jovem, com um corpo bonito e uma mente tranquila. Por isso resolvi mudar meus hábitos alimentares, entrei na academia e passei a ler BOA FORMA. Quero dar os parabéns a todos os colaboradores, pois a revista traz reportagens que me ajudam a conquistar uma vida mais saudável.” (SARA, Paula *apud* GOMES, 2006, p. 10).

“Boa dica. Tenho 25 anos, sou estudante de Direito. Minhas amigas vivem me perguntando: o que você faz para ficar com um corpo legal? Respondo: assino BOA FORMA, esse é o primeiro passo que uma mulher inteligente deve dar para alcançar um estilo de vida saudável. Depois que passa a ler a revista, que traz mulheres lindas e dicas fáceis de exercícios e de beleza, consegui perder

9 quilos, e não engordei de novo.” (AZEVEDO, J. F. *apud* GOMES, 2006, p. 10).

O discurso da revista que pretende associar a saúde com o corpo e o estilo de vida saudável, que impulsiona e direciona o entendimento de corpo e saúde para um corpo *fit*, é visível nesses dois exemplos. Um outro direcionamento que começa a surgir no conteúdo da revista, a partir do ano de 2004 é a divulgação e o incentivo de procedimentos cirúrgicos estéticos. É incentivado e normalizado que o corpo comece a se submeter a “correções” e “acertos” a partir de reportagens e depoimentos sobre as cirurgias. Os depoimentos são tanto de leitoras e “pacientes” como de médicos, que incentivam tais procedimentos. Durante as edições da revista dos anos 90 até os anos 2000, poucas referências foram vistas em relação a esses procedimentos cirúrgicos estéticos. A revista costumava expor o conteúdo que se vinculava à estética do corpo apenas com iniciativas para programas de exercícios, dietas e, no máximo, alguns produtos como cremes ou soluções para passar diretamente na pele. Nesse novo contexto de informar e incentivar procedimentos cirúrgicos estéticos, as palavras “ajustes” e “ajustezinhos” são veiculadas para normalizar e suavizar os procedimentos estéticos, que em sua maioria, são também, cirúrgicos. Os procedimentos cirúrgicos estéticos normalizados pela revista, dispensam a discussão de que, em se tratando de um procedimento cirúrgico, ele pode representar, como qualquer outro procedimento invasivo, riscos à saúde.

As reportagens sobre os procedimentos cirúrgicos estéticos contidas nessa revista específica de 2004, não são veiculadas utilizando diretamente as palavras saúde ou saudável. Porém, as reportagens mantêm uma relação com a saúde, quando, em suas assinaturas, consentimentos e indicações, listam os nomes dos melhores médicos aptos a tais procedimentos, para que eles possam ser feitos “sem riscos”.

A edição de 2004 da revista *Boa Forma – Beleza*, traz impresso em sua capa o título: “Cirurgia plástica, os melhores doutores dão as dicas para encarar o bisturi sem medo nem riscos”. As assinaturas dos médicos prometem diminuir os riscos, e seu título de médico assume a conexão com a saúde, vista como necessária até agora. Nesse mesmo sentido, aparecem reportagens como a destacada a seguir, demonstrando que os riscos de um procedimento dito invasivo, que exigem corte de pele, valem a pena. E também eram informados todos os tipos de procedimentos disponíveis naquela época, na sequência da reportagem,

Agulhas, cortes, anestesia. Tudo isso aumenta a eficácia dos tratamentos. Mas essas técnicas exigem cuidado... [...] DIRETO AO PONTO – Quando falamos em cortar e picar, estamos mencionando os tratamentos invasivos. Aqui, os riscos são maiores, porque cada vez que fura ou corta a pele você está abrindo

portas para invasão de microrganismos causadores de infecções. Esse risco, no entanto, tem suas vantagens: os resultados costumam ser mais eficientes em relação aos outros tratamentos, porque o especialista trata o problema exatamente onde ele acontece. Conheça, a seguir, como funcionam os tratamentos invasivos mais conhecidos.” (BOA FORMA, 2004, 26-27).

A divulgação e o incentivo da revista com relação aos procedimentos cirúrgicos marcaram um período de normalização dessas práticas. Elas foram fortemente divulgadas pela revista, assim como, nessa época e nos anos seguintes, foram absorvidas pela sociedade. Lipoaspiração e próteses de silicone foram as mais realizadas. A lipoaspiração foi o procedimento cirúrgico estético mais realizado em 2004, segundo dados do jornal *Folha de S. Paulo*³. Na mesma reportagem, dados a respeito do *ranking* de procedimentos cirúrgicos realizados no mundo, em 2011, mostram que o Brasil ocupava o segundo lugar, com 905, 1 mil procedimentos, perdendo apenas para o primeiro lugar, os Estados Unidos. O mercado de cirurgias plásticas foi crescendo e se normalizando com o passar dos anos. Ao mesmo tempo, a garantia de diminuição dos riscos relacionados aos procedimentos cirúrgicos foram fazendo parte da narrativa assinada por médicos em informes sobre o corpo, como o da revista *Boa Forma*. Porém, a reportagem citada, do jornal *Folha de S. Paulo*, também mostra que “Ao mesmo tempo em que se populariza, a lipo também acumula mortes, muitas vezes atribuídas à imperícia profissional ou à falta de condições do local onde é feita” e, segundo o presidente da Sociedade Brasileira de cirurgia plástica “[...] a banalização do procedimento é a principal responsável por mortes e outros problemas”, ou seja, a banalização dos procedimentos cirúrgicos normalizados pela revista contribui para os riscos associados a essas práticas.

As edições seguintes da revista *Boa Forma*, de 2006 até 2015, mantiveram a divulgação, valorização e normalização dos procedimentos estéticos cirúrgicos. Além disso, eles foram relacionados com hábitos culturais, como os da *selfie* (fotografia feita de si mesmo), aumentando ainda mais sua normalização social. Na edição de 2015 da revista, destacamos a seguinte nota: “Nos Estados Unidos, a febre das selfies aumentou a procura por cirurgias plásticas. Ao postar a própria imagem nas redes sociais, mulheres e homens têm se mostrado mais críticos com os próprios traços, especialmente o nariz”⁴. A fonte de tal comentário é a própria Academia Americana de Plástica Facial e Procedimentos de Reconstrução. Provavelmente, é a indústria de cirurgia plástica a que tem o maior interesse em garantir que as

³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2013/01/1219556-lipoaspiracao-volta-a-ser-cirurgia-plastica-mais-realizada-no-brasil.shtml>. Acesso em: 27 dez. 2019.

⁴ LUBLINSK, Débora. Mix de beleza: tratamentos. *Boa Forma*, São Paulo, n. 5, p. 27, maio/2015.

peças desejem cada vez mais a necessidade de correções, quando pensam sobre a sua própria imagem corporal. O novo mercado de intervenção cirúrgica estética, normalizado nos discursos da revista *Boa Forma*, contribuiu para as estratégias de mercado, relacionadas à construção do corpo *fit*, o corpo que tem uma boa forma.

Em relação à consolidação do conceito saudável, ele se manteve crescente nas edições de 2006 até 2016. Em 2016, a revista ganha novos contornos, que contribuíram para a disseminação do corpo saudável. Os novos contornos são em relação à tecnologia. Verifica-se a ampliação da revista em sua edição digital e, também, nova abertura de espaço para interação com as leitoras nas redes sociais. Com esse avanço, *hashtags* e compartilhamento de fotos ganham espaço na revista e na vida das leitoras. Na edição da revista *Boa Forma* de 2015, na seção com o título “Interativa”, divulgavam-se fotos das redes sociais privadas das leitoras de *Boa Forma*, com a *hashtag* #atitudeboaforma, que aderiram ao movimento: “Um espaço para quem aderiu ao nosso movimento e apostou em um estilo de vida mais saudável, cheio de atitude e energia”⁵. Conforme a Figura 7, a seleção de fotos escolhidas pelo editorial da revista, revela que elas se relacionam a um “TOP 6, malhação com as amigas”. São seis fotos escolhidas pela revista, todas de mulheres jovens, com corpo modelar, bronzeado, anunciando a associação de uma atitude saudável para essa estética *fit*.

⁵ SODRÉ, Laura. Top 6 malhação com as amigas. *Boa Forma*, São Paulo, n. 1, p. 8-9, janeiro/2015.

Figura 7 – Fotos de leitoras



Fonte: Revista *Boa Forma* (janeiro/2015)

Na edição de novembro de 2015, o novo aplicativo da revista é divulgado. O aplicativo tem o mesmo nome da *hashtag*: *atitude boa forma*. Ele promete ser, “seu aliado perfeito para perder peso e viver melhor. Tudo conta para uma vida mais leve, mais saudável”⁶. A proposta do aplicativo para a vida saudável é a seguinte: “Dormir 1 hora a mais, -60 calorias. Acordar 1 hora antes para o *muay thai*: -720 calorias” (Figura 8). Na foto, uma jogadora de *muay thai* (arte marcial originária da Tailândia), com o corpo *ideal*, torna positivo, por esse motivo, que dormir menos vale a pena. A revista estimula o hábito de que trocar o sono pelo *muay thai* é ter uma vida mais leve, mais saudável.

⁶ ABRIL. Novo app #atitude boa forma. *Boa Forma*. São Paulo, nº1, 124-125, novembro/2015.

Figura 8 – Novo app # atitude boa forma



Dormir
1 hora a mais:
-60
CALORIAS

ACORDAR 1 HORA
ANTES PARA
O MUAY THAI:
-720
CALORIAS

Tudo conta para uma vida
mais leve, mais saudável.

Fonte: Revista Boa Forma (novembro/2015)

Em uma outra *hashtag*, da edição de 2015, se propõe um #desafioverãoBF. O desafio consiste em um projeto para “focar na saúde e melhorar a qualidade de vida”. E mais uma vez, saúde e qualidade de vida se relacionam a um projeto para manter a boa forma e o corpo perfeito para o verão (Figura 9).

Figura 9 – Desafio de verão



Fonte: Revista Boa Forma (novembro/2015)

A utilização do conceito saudável pela revista *Boa Forma* está associada à criação de imagens, hábitos e rotinas vinculadas a um corpo *fit*, que é magro e perfeito. As leitoras da revista são estimuladas a atingir esse modelo de corpo, como uma meta, um objetivo, criando o estilo de vida saudável. O investimento em um corpo saudável tornou-se uma atitude social sem crítica, que busca ser saudável nesses moldes.

A revista *Boa Forma* saiu de circulação em 2018, devido a cortes realizados pela editora Abril, que atingiram nove títulos. É importante pontuar que houve uma ampliação do conteúdo sobre corpo e saúde, para além das revistas, no ambiente digital. Contudo, acompanhando o conceito de saudável nas narrativas e imagens nas novas mídias digitais, como canais de *Youtube* ou *Blogueiras Fit* no *Instagram*, o sentido do conteúdo divulgado é semelhante ao da revista *Boa Forma*.

2.1 A biopolítica e os circuitos da bioeconomia na privatização da saúde

A apropriação do termo saudável é utilizada para produzir conteúdo em ambiente analógico e digital, como revistas, *blogs* e canais sobre corpo e saúde, assim como em produtos do ramo alimentício e estético. Os conteúdos que são produzidos nesses ambientes e também nos informes publicitários dos produtos, esclarecem sobre como adquirir uma rotina que nos aproxime de uma *vida saudável*. O termo não se apropriou apenas das possíveis mercadorias

que são comercializadas como o título saudável, mas se apropriou do corpo, fazendo a sociedade querer um *corpo saudável*.

A divulgação midiática do corpo saudável sugere uma imagem a respeito do corpo que pode impulsionar o aparecimento de transtornos de ansiedade e depressão, vinculados à imagem corporal idealizada. Uma reportagem recente da *Folha de S. Paulo*⁷, de junho de 2019, em uma seção nomeada “Saúde e equilíbrio”, faz uma associação entre uso de redes sociais, imagem corporal e desenvolvimento de depressão e ansiedade. Um fragmento da reportagem ajuda a relacionar esses dispositivos em relação à imagem do corpo para o desenvolvimento desses transtornos.

Foi o que aconteceu com Rafaella. “Olhava imagens daquela menina magra e me sentia mal. Tinha uma meta de ficar como elas, mas eu sabia que meu biotipo jamais me deixaria atingir aquilo”. O problema, segundo Jackeline Giusti, psiquiatra da infância e da adolescência do Instituto de Psiquiatria da USP, é que esses modelos a serem copiados não são reais. Todo mundo só mostra a parte legal e quem está deprimido acaba se sentindo pior vendo imagens perfeitas. (FOLHA DE S. PAULO, 2019, n.p.).

O entendimento social de um corpo que deve ser perfeito e, além disso, a meta que se cria em torno desse hábito podem trazer malefícios à saúde. Esse entendimento estético de perfeição assumiu uma nova roupagem, que o fez parecer mais natural, mais “saudável”. Contudo, o que parece é que, midiaticamente, essa nova roupagem não deixou de se relacionar com um entendimento de corpo perfeito, na medida. As estratégias mercadológicas que se voltam para o corpo só se tornam possíveis de serem produzidas porque o capitalismo socializou um primeiro objeto: o corpo. Ele se transformou em algo que pode ser mercantilizável.

O corpo como um objeto do capitalismo revela sua saúde também como uma mercadoria. A saúde vista como uma mercadoria pôde, assim, ser privatizada. A privatização da saúde por meio do conceito de corpo saudável está sendo associada, pela indústria da saúde, com a venda de fármacos, procedimentos médicos, cirúrgicos e estéticos que utilizam o título saudável como uma estratégia mercadológica.

As informações midiáticas que vão se tornando disponíveis ao público, sobre como e porque ser saudável, são uma forma de saber. É um saber que é investido e reproduzido midiaticamente. Para entender como os saberes são criados, se espalham e se tornam um senso comum, é necessário entender que há inicialmente uma forma de poder que o compreende. O

⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2019/06/rede-social-testa-autoestima-e-pode-piorar-depressao-e-ansiedade.shtml>. Acesso em: 27 dez. 2019.

poder está na camada anterior à produção de saber, “O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente.” (FOUCAULT, 2019, p. 12). A revista *Boa Forma* atuava como um micropoder, sendo um ator que disseminava discursos de verdade⁸ que, nesse caso, são saberes a respeito do corpo e da saúde. O micropoder é um “Poder esse que intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo – e que se situa no nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana, e por isso poder caracterizado como micropoder.” (FOUCAULT, 2019, p. 14). A penetração do conteúdo da revista *Boa Forma* no corpo de cada sujeito foi sendo parte de um entendimento e subjetivação do corpo e da saúde, socialmente. Michel Foucault entende que uma Genealogia do poder é o que pode esclarecer o entendimento da produção dos saberes.

A análise ascendente que Foucault propõe e realiza estuda o poder não como uma dominação global e centralizada que se pluraliza, se difunde e repercute nos outros setores da vida social de modo homogêneo, mas como tendo existência própria, e formas específicas no nível mais elementar. O Estado não é o ponto de partida necessário, o foco absoluto que estaria na origem de todo tipo de poder social do qual também deveria partir para explicar a constituição dos saberes nas sociedades capitalistas. Foi muitas vezes fora dele que se instituíram as relações de poder, essenciais para situar a genealogia dos saberes modernos, que, com tecnologias próprias e relativamente autônomas, foram utilizadas e transformadas pelas formas mais gerais de dominação do aparelho do Estado. (MACHADO, 2019, p. 17).

É também fora do Estado que os micropoderes se constituem e se espalham, permitindo que muitas vozes transmitam os saberes através dos discursos de verdade. Essas vozes não são do povo, são aquelas vozes que agem sobre ele e que, depois, são reproduzidas socialmente. A revista *Boa Forma* foi uma forma de micropoder, e foi possível perceber em seu conteúdo a construção de discursos, que são saberes, a respeito do corpo e saúde. No caso da revista *Boa Forma*, os discursos de verdade não são saberes a respeito de uma preocupação social com o corpo e a saúde, mas resultado da ação de um mercado que conecta o corpo com as estratégias mercadológicas que o envolvem. O que se pode perceber é que os micropoderes que vão se formando na sociedade, através das instituições, são criados a partir das necessidades econômicas vigentes. É uma malha que vai conectando economia, saberes, poderes ou micropoderes e o corpo.

Os discursos que se espalham por meio da mídia a respeito de um conceito podem não referenciar sempre o mesmo sentido. O sentido de um conceito pode se modificar na medida

⁸ O autor Michel Foucault “desvenda a relação entre as práticas discursivas e os poderes que as permeiam”, na Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.

em que se faz necessário, estrategicamente, informar um novo saber sobre o mesmo conceito. No caso do conceito saudável, analisado na revista *Boa Forma*, ele parece ter sofrido alterações de sentido na medida em que a saúde foi sendo privatizada e comercializada. Na década de 1990, o conceito parecia se relacionar com uma forma de vida saudável, que trazia saúde e, depois, foi sendo associado a outras práticas mercadológicas.

A subjetivação do sujeito pelos dispositivos de poder e micropoder acontece sem que ele tenha condições críticas suficientes para entender com o que essa dobra se relaciona e qual é o impacto dela no seu corpo. Esse é um recorte que é necessário ser observado de uma perspectiva biopolítica. O conceito de biopolítica foi introduzido por Michael Foucault em 1974⁹ e se relaciona com a racionalização e administração da vida.

Minha hipótese é que com o capitalismo não se deu a passagem de uma medicina coletiva para uma medicina privada, mas justamente o contrário; que o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, sociabilizou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal, que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica. (FOUCAULT, 2019, p. 144).

Foucault pensa que não foi a medicina social que se tornou privada com o capitalismo, mas, sim, que “a medicina moderna é uma medicina social que tem por *background* certa tecnologia do corpo social” (FOUCAULT, 2019, p. 144). A biopolítica é a forma de poder que atua sobre o corpo. O corpo foi controlado em primeiro lugar. Não só através do Estado, mas de todas as instituições que se voltam para o gerenciamento da vida. Incluindo, por exemplo, saúde e educação. Essas instituições, com seus micropoderes, atuam como tecnologias sociais, através dos peritos na administração da vida. Esses peritos, no caso da mídia, veiculam seus discursos de saber, controlando os trajetos que o indivíduo deve percorrer, moldando o corpo e sua subjetividade. “A biopolítica trouxe a luz técnicas, tecnologias, peritos e aparatos para o cuidado e administração da vida de cada um e de todos, desde o planejamento das cidades aos serviços de saúde” (ROSE, 2013, p. 85).

O autor relata que antes do gerenciamento e da administração racional da vida e da saúde, no momento histórico das disciplinas, “[...] o controle minucioso das operações do corpo que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-

⁹ Conferência realizada no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em outubro de 1974, tradução de Roberto Machado. Livro *Microfísica do Poder*, de Michel Foucault.

utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas.” (FOUCAULT, 2014, p. 135). No momento das disciplinas, o corpo dócil foi aquele que pôde ser manipulado e controlado para o que se desejava. Sua força, seus contornos, seus movimentos, sua eficácia foram direcionados para que ele pudesse produzir mais e melhor. Os processos disciplinares aconteceram no exército, nas escolas, nos hospitais. No espaço e no tempo. As disciplinas foram despotencializando o corpo politicamente, por meio de um controle político da sua anatomia.

Houve durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam [...] É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. [...] Em qualquer sociedade o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). (FOUCAULT, 2014, p. 134).

O corpo como objeto e alvo de poder foi sendo submetido a ações que calcularam seus gestos, hábitos e seus comportamentos com interesse de que ele se tornasse útil economicamente. As intenções econômicas e políticas conduziram o biopoder e a biopolítica. Por biopoder entende-se que é o poder que “serve para trazer à tona um campo composto por tentativas mais ou menos racionalizadas de intervir sobre as características vitais da existência humana.” (ROSE; RABINOW, 2006, p. 28).

O gerenciamento de caráter vital como força de trabalho é discutido também por Paolo Virno (2013), que defende a ideia de que a vida irrompe no centro da cena pública por sua potência de produzir, de sua utilidade, portanto, econômica.

Ao capitalista interessa a vida do trabalhador, seu corpo, só por um motivo indireto: esse corpo, essa vida, são eles que contêm a faculdade, a potência, a *dynamis*. O corpo vivente faz-se objeto de governar, não por seu valor intrínseco, mas porque é o substrato da única coisa que verdadeiramente importa: a força de trabalho como soma das mais diversas faculdades humanas (potência de falar, de pensar, de recordar, de atuar etc.). A vida se coloca no centro da política quando o que é colocado em jogo é imaterial (e, em si, não presente) força de trabalho. (VIRNO, 2013, p. 50).

A docilidade do corpo por meio do biopoder da era disciplinar, que ocorreu no século XVIII, colocou o corpo em celas, fileiras, classes, horários, prevendo obediência e alta

produção. A disciplina e a docilidade surgiram como um substrato fundamental para o avanço econômico e político.

Outra característica dessa relação do poder disciplinar desde o século XIX, que acredito ter permanecido até os dias de hoje, é o fato delas serem positivas e não negativas. Positivas não por se referir a possibilidades favoráveis ao indivíduo. Ao contrário disso, ser um dispositivo biopolítico de positividade. A positividade, nesse sentido, é um instrumento estratégico que combina com uma subjetivação capaz de manter a sua potência do corpo toda voltada aos interesses econômicos. O indivíduo não é impedido de se expressar, de ter hábitos, desejos e comportamentos, mas, sim, está submetido a uma forma que ordena. “O poder disciplinar não destrói o indivíduo; ao contrário, o fabrica. O indivíduo não é outro do poder, realidade exterior por ele anulada; é um de seus mais importantes feitos.” (FOUCAULT, 2019, p. 25).

Desta forma, o corpo importava com o objetivo de ser o propulsor do desenvolvimento econômico, prevendo a manutenção da sociedade industrial e capitalista. Nesse cenário, a saúde do indivíduo deveria ser um investimento do Estado para permitir que o corpo tivesse sempre uma potência de produção do capital. Diminuir a incidência de doenças para o corpo melhor servir aos interesses políticos e econômicos.

As primeiras estratégias biopolíticas dos séculos XVIII e XIX envolviam interesse do *bios*, em que o Estado se preocupava com a saúde em um sentido de evitar a doença. Evitando a doença, o corpo docilizado poderia produzir o máximo possível, garantido sua utilidade econômica. Já nos séculos XX e XXI o controle da doença faz parte de um outro cenário. Controlar a doença não significa mais apenas evitar que o corpo fique doente e perca potência de trabalho. Surge uma nova tecnologia a respeito da saúde e ela passa a se tornar um investimento pelo próprio corpo, que também precisa manter sua potência de trabalho. Ele duplica sua função. Nesse cenário, a dupla função do corpo é estimulada e o Estado que deveria manter sua preocupação com a saúde da população, vai desaparecendo.

Há um deslocamento da função, que é dever do Estado, de controlar doenças e epidemias, para a construção de um mercado sobre o corpo e a saúde, onde o indivíduo é quem se torna responsável pela sua própria saúde. A saúde pública, que deveria ser priorizada pelo Estado, vai desaparecendo, e o indivíduo é levado a construir uma *cidadania ativa* em relação a sua saúde, em moldes altamente mercadológicos.

Nikolas Rose (2013) trabalha o conceito de bioeconomia, que atua como um novo circuito comercial com o objetivo de capitalização da vitalidade humana. O corpo e a saúde foram captados, e a vitalidade se tornou uma mercadoria, “[...] os circuitos bioeconômicos de

troca têm como seu princípio organizador a captura do valor latente nos processos biológicos, um valor que é simultaneamente o da saúde humana e o do crescimento econômico.” (ROSE, 2013, p. 54). A bioeconomia compreende ações da indústria farmacêutica, criação e proliferação de planos de saúde, um mercado estético de procedimentos cirúrgicos, assim como estudos de genética. A ação da indústria farmacêutica pode ser vista ao se revisitar alguns fragmentos da revista *Boa Forma*, para exemplificar os discursos sobre o corpo saudável dentro dessa perspectiva bioeconômica, assim como a indução da cidadania ativa.

Os três exemplos são de propagandas de medicamentos que associam a utilização de medicamentos com a prática de ser saudável. A primeira é do medicamento Redoxon, na edição de 1993: “A vitamina C tem importância fundamental na nossa saúde. Redoxon é a vitamina C que quando tomada regularmente aumenta a resistência e as defesas naturais do organismo, suplementando suas necessidades diárias de forma prática e saudável”¹⁰. A segunda é do polivitamínico Centrum, propaganda presente em uma edição de 2007: “Polivitamínico não engorda, não tem calorias nem abre o apetite. A melhor forma de manter-se na moda e ficar bela é estar saudável”¹¹. A terceira é de uma edição de 2015, de capsulas de suplementos, vitaminas e minerais Sidney Oliveira, “Suplementos, Vitaminas e Minerais Sidney Oliveira. Mais de 100 produtos a preço único. Porque sua saúde é única. O combustível diário que nosso corpo precisa”¹².

Os circuitos das economias contemporâneas de vitalidade descritos pelo autor incluem diferentes categorias: os conceituais; os comerciais, como clínicas e consultórios; também os éticos e espaciais. Nesse sentido, não são só as práticas comerciais que estão incluídas no conceito de bioeconomia. Os conceitos, valores, saberes e verdades que estruturam as práticas também são importantes de serem contextualizados. Por exemplo, a forma como o corpo e a saúde são estudados nas universidades que formam os profissionais da saúde. O contexto de formação profissional está relacionado também com as verdades e o biopoder que estruturam as práticas comerciais. A universidade, muitas vezes, pensa o corpo e sua relação com a saúde em moldes, pensando corpo a partir de cálculos como protocolos e diagnósticos, além da ampla medicalização da saúde.

Dessa forma, tanto os profissionais, quanto os pacientes ou leitores de revistas e informativos de saúde e corpo, recebem os saberes e os conceitos vinculados ao corpo nesse

¹⁰ ROCHE. Redoxon. A vitamina da geração saúde. *Boa Forma*, São Paulo, n. 4, março/1993.

¹¹ CENTRUM. Qual o preço da elegância? *Boa Forma*, São Paulo, n. 11, novembro/2007.

¹² ULTRAFARMA. Suplementos, vitaminas e minerais: Sidney Oliveira. *Boa Forma*, São Paulo, n. 5, p. 81, maio/2015.

mesmo raciocínio. O corpo é reduzido a um objeto utilitário pelo mercado da bioeconomia da sua vitalidade.

Vimos o surgimento de novos tipos de grupos de pacientes e indivíduos, que cada vez mais definem a sua cidadania em termos de seus direitos (e obrigações) à vida, saúde e cura. E, certamente, novos circuitos de bioeconomia tomaram forma, uma capitalização da biociência em larga escala e uma mobilização de seus elementos em novas relações de troca: os novos conhecimentos moleculares de vida e da saúde estão sendo mapeados, desenvolvidos e explorados por uma variedade de empresas comerciais, algumas vezes em alianças com Estados, outras vezes de forma autônoma a estes, estabelecendo conexões constitutivas entre vida, verdade e valor. [...] Certamente, todos os empreendimentos que têm a vida, e não a morte, como seu telos – projetos para “fazer viver” – são centrais para a configuração do biopoder contemporâneo. (ROSE; RABINOW, 2013, p. 37).

O Estado, que deveria assumir responsabilidades na saúde pública, muitas vezes faz alianças com esse mercado da bioeconomia, que fragiliza ainda mais a saúde dos indivíduos. O mercado crescente em torno da bioeconomia também retira a responsabilidade da saúde do Estado e a transfere para o próprio indivíduo. O indivíduo agora tem uma posição ativa em relação a sua saúde. Ela se torna um hábito, um dever, impulsionado pelo mercado da saúde e pelo desaparecimento do Estado em relação à saúde pública, ou seja, ocorre a criação de *cidadãos biológicos ativos*, “Nossa individualidade somática, corpórea, neuroquímica agora se torna um campo de escolha, prudência e responsabilidade.” (ROSE, 2013, p. 66). Somos nós agora os responsáveis pela nossa saúde. E, além disso, ela se torna, diariamente, um dever. A vida saudável se situa em um hábito que emerge diante de uma desresponsabilização do estado para se direcionar a uma responsabilização do indivíduo com a sua saúde. Da mesma forma, essa responsabilização se transforma em um hábito que o sujeito precisa adquirir, todos os dias, para evitar o risco de doença.

Nesse cenário, a saúde se tornou uma preocupação e também uma meta individual. Hoje, encontrar conteúdo sobre saúde e doença na internet, nas revistas, de forma alguma pode diminuir ou suprir o trabalho do especialista em saúde, pois, ao contrário disso, contribui para a formação desse cidadão biológico ativo, que cada vez busca mais estar engajado em saber sobre sua saúde para atuar sobre ela ativamente.

Naturalmente, em determinado meio político, cultural e moral, essa ideia de ativismo em relação a sua condição biomédica pode se tornar uma norma. Ativismo e responsabilidade agora se tornaram não apenas desejáveis, mas virtualmente obrigatórios – parte da obrigação do cidadão biológico ativo dever viver sua vida, apesar de atos de cálculo e de escolha. Tal cidadão é

obrigado a informar a si mesmo não somente acerca da doença atual, mas também acerca de suscetibilidades e pressuposições. Uma vez assim informado, tal cidadão biológico ativo está obrigado a dar passos adequados, tais como ajustar a dieta, o estilo de vida e os hábitos em nome da minimização da doença e maximização da saúde. (ROSE, 2013, p. 209).

A cidadania biológica ativa aciona um tipo de comportamento que é muito rentável. Todos se preocupam com essa maximização da saúde, todos têm sempre algo a dizer a respeito de uma dieta que leu na revista, de um exercício novo que a modelo famosa segue para ficar magra. Todos em busca do corpo saudável. Existem opções por todo os lados, cremes, procedimentos, livros, dicas. É um ativismo diário e economicamente muito rentável. Ele ocupa um lugar muito grande na vida dos indivíduos. A cada ano novo que se aproxima, novas promessas, novas propostas para emagrecer, para ter o corpo que se deseja. As técnicas do si-mesmo estão espalhadas nas revistas, nos discursos médicos e terapêuticos. A vida saudável tem muito espaço no mercado, assim como na vida das pessoas. Elas desejam isso.

Segundos dados do Instituto Trata Brasil¹³, de 2019, a falta de saneamento básico está entre as principais causas de morte infantil no mundo. Além disso, problemas de saúde como diarreias, verminoses, hepatite A e, leptospirose, entre outras, estão entre as doenças mais comuns, que afetam moradores de áreas com serviço precário de água e esgoto. Também doenças virais transmitidas pelo mosquito *Aedes Aegypti*, como dengue, chikungunya e zika vírus, são agravadas pela falta de saneamento básico, devido ao acúmulo de água parada, limpa ou não.

Informe divulgado pelo Ministério da Saúde¹⁴, em março de 2019, sobre os casos de dengue no país, relata que “Os óbitos pela doença também aumentaram 67%, entre 30 de dezembro e 16 de março de 2019, em comparação ao mesmo período de 2018, sendo a maior concentração no estado de São Paulo”. A precariedade dos serviços públicos, como a falta de saneamento básico, é um entre os diversos problemas que impedem o viver com saúde, construindo formas de vida não saudáveis. Além do impacto social da falta de saneamento básico relacionado à saúde, ela também causa impactos educacionais e socioeconômicos negativos para as pessoas que vivem onde o serviço é deficitário ou inexistente.

Esses dados ajudam a perceber como a saúde tem sido alvo de ações mercantilistas de monitoramento e gerenciamento individual, e como o Estado se ausenta em resolver problemas de saúde pública. O controle de doenças como pragas, doenças transmissíveis e

¹³ Disponível em: <http://www.tratabrasil.org.br/blog/category/saude/>. Acesso em: 28 dez. 2019.

¹⁴ Disponível em: <http://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/45314-cresce-em-264-o-numero-de-casos-de-dengue-no-pais>. Acesso em: 28 dez. 2019.

epidemias, que se vinculam com a falta de saneamento básico, impede condições urbanas adequadas para a vida e, além disso, é o indivíduo que precisa gerenciar os déficits dessas condições inadequadas de vida.

O indivíduo precisa comprar e passar repelentes, precisa monitorar sua casa, comprar os remédios para controlar as doenças, perder trabalho, perder aulas na escola. Ele se responsabiliza pelas doenças e também a tratá-las. Em condições socioeconômicas vulneráveis, em que não é possível comprar tais medicamentos necessários para esse gerenciamento, maior é o risco de mortalidade. O corpo que é vulnerável economicamente, torna-se invisível e suscetível, e o corpo do cidadão biológico ativo, que é aquele que possui condições financeiras para atuar em tal “cargo”, está sempre à procura de monitorar e gerenciar seu corpo a partir de um controle diário da sua saúde.

A suscetibilidade de contrair doenças tem se relacionado com uma outra realidade. Ser suscetível não é só o que realmente afeta a saúde e a doença, mas, sim, faz o indivíduo biológico ativo pensar sobre o risco de contrair doenças, vindo a ser um pré-paciente suscetível. Falar em suscetibilidade é, agora, pensar sobre o conceito do risco. Nikolas Rose (2013) também discute que, na emergente forma de vida contemporânea, o fator risco está associado a essas formas de gerenciamento da vitalidade. Essas formas de gerenciamento estão ligadas ao futuro, ao risco de desenvolver doenças. Criam-se pré-pacientes, onde uma escala de medidas é estabelecida para que eles possam se encaixar, fazendo parte de grupos suscetíveis a futuras doenças. Essas medidas compreendem grupos de risco, que vivem se preocupando a respeito de sua saúde no futuro.

Quando, no século XIX, as preocupações em relação a saúde eram reduzir níveis de mortalidade e morbidade, no início do século XX, essas estratégias de risco compreendem uma nova subjetividade, que induz a um autocontrole e a uma preocupação a respeito do cuidado com a saúde. Esse risco se torna presente diariamente na vida dos indivíduos e faz com que eles produzam o dever de cuidar desses riscos, diariamente. O gerenciamento do risco se torna um potencializador para a criação de muitas medidas de hábitos de controle da saúde, assim como para a criação de novos mercados sobre eles.

No campo da saúde, à medida que o delineamento de risco se desenvolveu a partir de meados do século XX, perfis de risco, escalas e índices eram usados para identificar aqueles que se enquadravam nos grupos com um risco significativamente maior do que a média, a fim de intervir preventivamente neles. (ROSE, 2013, p. 109).

Quando é direcionado ao próprio indivíduo, esse autocontrole sobre a sua condição de saúde, que é muito diferente de autocuidado, ou autonomia, é conduzido ao gerenciamento da saúde e produz no indivíduo uma auto-gestão. Ele se subjetiva como responsável pela sua própria saúde e, simultaneamente, se apoia em discursos de verdade que incentivam esse comportamento.

A modificação de um pensamento de saúde, de coletivo para individual, do público para o privado, joga para o sujeito a responsabilidade por ele mesmo. E não só isso, por esse grande mercado que se estabelece em torno do risco, de medidas do próprio corpo, do *consumo como um investimento*.

2.2 Consumidor saudável: um investidor individual e ativo

Não se controla o consumo, se faz controlar o corpo para que esse possa ser um consumidor em potencial. O cidadão biológico ativo está associado a uma cultura de consumo. A cultura de consumo está também associada ao termo de *empreendedorismo de si mesmo*. O empreendedor de si mesmo é aquele a quem se faz acreditar que é capaz de gestar a si mesmo, e que tem liberdade e dever nessa gestão. Existem muitos remédios, muitos médicos, muitos produtos e procedimentos estéticos, muitos tipos de exames de imagem. Tudo isso cada vez mais eficaz e com mais tecnologia. Portanto, é possível ter saúde e ser saudável, basta correr atrás disso.

Essa “liberdade” está dentro de uma lógica que atua sobre a saúde e a vitalidade. Essa lógica de liberdade tem o foco em manter relações entre o mercado e a saúde. São precárias as relações atuais com saúde e muito expandidas as relações com o mercado de saúde. Os problemas de saúde pública são revertidos em problemas individuais. E as estratégias para criar um consumidor saudável, antes precisa produzir a responsabilização individual para a saúde, para que o sujeito se sinta fazendo algo por ele mesmo, o que agora vai se tornando imprescindível.

Seria possível, portanto, discorrer sobre a “fetichização do eu autônomo” – essa ideologia de um “eu” capaz de se autoadministrar, que recusa a imposição de limites sociais mas que, por outro lado, deve assumir a responsabilidade pelos seus atos – a partir de diferentes perspectivas [...] Assim, tais discursos podem ser inseridos dentro da temática da “gestão do eu”, em que está explícita uma proposta de “liberdade de escolha” e, conseqüentemente, de uma responsabilidade pessoal pelos atos praticados. (FONTENELLE, 2010, p. 219).

A *gestão do eu* é a construção do eu em um projeto individual do “corpo como empreendimento e do consumo como investimento” (FONTENELLE, 2012, p. 149). É uma lógica neoliberal que estabelece as relações contemporâneas de economia, política e gestão. Quando o sujeito é levado a investir nele mesmo, ele acredita que está investindo em um retorno, “O capital de consumo torna-se uma forma de expressão do capital humano de extrema relevância, seu incremento.” (FONTENELLE, 2012, p. 142). Essa é a nova estratégia biopolítica e do biopoder que se modificaram na passagem do século XX para o século XXI. A saúde não é, agora, mais um investimento que deveria ser do Estado, com o objetivo de manter o corpo do sujeito potente quanto à sua capacidade de produzir, buscando diminuir a probabilidade do aparecimento de doenças. A saúde torna-se um investimento individual, de cada um. Eu sou o responsável pelo meu estado de saúde, e se eu investir nele terei a saúde como resultado. Se torna uma prática do *self*, em nome da vida e da saúde, individualmente. A saúde não é mais um estado natural, ela é o resultado de um investimento. Os sujeitos individualmente se tornam “responsáveis pelos riscos sociais – como doenças, desemprego, pobreza, meio ambiente etc. – e pela vida em sociedade, transformando tudo isso em um problema de *self-care*” (LEMKE, 2002 *apud* FONTENELLE, 2012, p. 136).

Nesse contexto a produção do consumidor saudável pela mídia de negócios apresenta-se como uma ilustração perfeita dessa nova forma de vida na qual consumir é produzir-se. “Cada um deverá se sentir responsável por sua saúde, por sua mobilidade, por sua adaptação aos horários variáveis, pela atualização de seus conhecimentos. Cada um deverá gerir seu capital humano ao longo de sua vida...” (GORZ, 2005, p. 24 *apud* FONTENELLE, 2012, p. 143).

O corpo e sua vitalidade tornam-se uma mercadoria e o consumo da vitalidade, uma forma de investimento. Essas relações podem ser observadas pelo aumento exponencial do número de farmácias nos centros urbanos, assim como o aumento da automedicação.

Com a privatização da vitalidade, os indivíduos começam, então, a consumir a sua própria saúde. Zygmunt Bauman (2008) constata que, para todos os tipos de mercados, valem as mesmas regras: “[...] os compradores desejarão obter mercadorias para consumo, se, e apenas se, consumi-las for algo que prometa satisfazer seus desejos.” (BAUMAN, 2008, p. 18). O consumismo, portanto, se subjetiva por meio do desejo de consumir. Desejo esse que nunca acaba, porque manter o impulso do desejo sempre crescente é também uma das estratégias do capitalismo para manter o ciclo inesgotável do consumo.

A “sociedade de consumidores”, em outras palavras, representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e

uma estratégia existencial consumistas, e rejeita todas as opções culturais alternativas. Uma sociedade em que se adaptar aos preceitos da cultura de consumo e segui-los estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos, a única escolha aprovada de maneira incondicional. Uma escolha viável e, portanto, plausível – e uma condição de afiliação.” (BAUMAN, 2008, p. 71).

Os consumidores *gestores do eu* se atraem pelo poder que as mercadorias têm de ativar nelas um valor de investimento individual. As mercadorias se concentram em um valor social, seja para entretenimento, para autoestima mas também para a saúde e bem estar. Bauman ainda faz referência ao fato de que o próprio indivíduo se torna uma mercadoria, pois para que o sistema de consumo se estabilize é necessário que os consumidores sejam consumidores em potencial. Para que o sujeito se torne digno de habitar e ter valor dentro da sociedade de consumo, seu valor de consumo deve ser alto, “Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade.” (BAUMAN, 2008, p. 76).

A sociedade de consumidores produz um tipo de indivíduo que quer, deseja e almeja ter. É uma característica dos indivíduos dessa sociedade criar uma relação contínua com o querer ter, que se vincula com a aquisição de produtos e mercadorias, “um volume e uma intensidade de desejos sempre crescentes, o que por sua vez implica o uso imediato e a rápida substituição dos objetos destinados a satisfazê-la.” (BAUMAN, 2008, p. 44).

É intenção do capitalismo de consumidores que o produto nunca satisfaça o desejo, para que sempre exista o impulso para comprar outra mercadoria em busca dessa satisfação. Esse desejo-mercadoria também se vincula ao corpo. Desejar que o corpo tenha, não tenha, retire ou possua. Bens corporais feitos sob medida. O corpo se vinculou com expectativas e desejos do que ele deve ter. O que for indesejado deve ser modificado, retirado, trocado o mais rápido possível para ser “mais saudável”. Um corpo sem risco, seguro e controlado. O corpo se torna um objeto de desejo ele mesmo.

Ter o controle do corpo em forma de medidas e moldes da sua própria extensão foram transformados em desejo. Muitas métricas e medidas do próprio corpo têm se relacionado com a sua saúde, fazendo parte das obrigações diárias do indivíduo. E isso contribui para a formação de um corpo numérico, sob medida. Desde a grande divulgação das academias, a métrica já começava a fazer parte do corpo. E, hoje, ela também se vincula a procedimentos de saúde.

O consumo como investimento individual e ativo produz esse desejo de controlar o corpo, que, muitas vezes, pode se transformar em ansiedade, depressão, compulsão. Quando o corpo mesmo e sua saúde se tornam também uma mercadoria, e esse corpo se mantém

aprisionado nessas medidas, nesse controle, há uma inversão de saúde em doença. Procurar por saúde significa procurar por medidas e o corpo se aprisiona em um corpo numérico, controlado e medido. Os fatores de adoecimento psicossomático tendem a ser cada vez maiores, e o investimento individual em saúde pode se transformar em um hábito não saudável. O corpo precisa sempre ser melhorado, diariamente, dentro de parâmetros que o medem e aprisionam. O que as empresas vendem são serviços com foco no corpo, “[...] vendem com maiores lucros os serviços de excisão, remoção e descarte: de gordura corporal, rugas faciais, acne, odores corporais, depressão pós-isso ou pós-aquilo.” (BAUMAN, 2008, p. 53). O que o mercado do corpo saudável, que carrega em sua raiz a palavra saúde, produz e vende contribui para um aprisionamento e adoecimento corporal e social.

A sociedade de produtores e soldados se concentrava na administração dos corpos a fim de tornar a maior parte de seus membros apta a morar e agir em seu pretense habitat natural: o chão da fábrica e o campo de batalha”. Profundamente distinta da sociedade de produtores/soldados, a sociedade de consumidores concentra seu treinamento, assim como as pressões coercitivas exercidas sobre seus membros desde a infância e ao longo de suas vidas, na administração do espírito – deixando a administração dos corpos ao trabalho individual do tipo faça-você-mesmo, supervisionado e coordenado de forma individual por indivíduos espiritualmente treinados e coagidos (BAUMAN, 2008, p. 72).

A produção de um consumidor empreendedor de si mesmo retira o sujeito de uma autonomia crítica, capaz de perceber qual investimento ele mesmo está se propondo a realizar. O investimento em saúde que deveria fugir de qualquer condição mercadológica está, por meio do corpo saudável, muito ligado ao consumo. E o desejar algo, que deveria ser desejar algo que transcende, que mira a exploração do desconhecido, acaba se tornando um desejo de controle, de medir, de viver fugindo de um risco que não está no presente, mas no futuro. O futuro, o controle, o risco, as medidas estão presentes no mercado da saúde, no mercado do saudável.

3 CORPO NUMÉRICO: MEDIDAS E CONTROLE DO PRÓPRIO CORPO

No mercado individual e privado de investimento e administração da saúde, o corpo fica aprisionado em escalas que medem muitos aspectos da sua corporeidade. O corpo vai sendo moldado e vai se entendendo dentro dessas medidas, “os entendimentos de ‘corpo’ estão submetidos aos regimes de produção de sentidos que vão sendo engendrados ao longo do tempo” (KATZ, 2010, p. 21). Com o crescimento econômico das academias na década de 1990, os regimes de produção de sentido que faziam da métrica corporal algo rentável podiam ser relacionados com medidas do peso corporal, índices de percentual de gordura, medida das calorias perdidas nas distâncias percorridas nas esteiras ou bicicletas ergométricas. Ainda, medidas de busto, cintura, altura etc. Essas medidas, que fazem parte do corpo, foram sendo divulgadas, nesse novo mercado, como essenciais e foram se tornando algo que as pessoas desejavam controlar para se manter nos parâmetros que cada métrica exigia. Ou seja, o que estava à venda nas academias, nesse sentido, era o modelo de corpo e os parâmetros métricos que as pessoas pensavam precisar atingir.

Com o passar do tempo, a associação de saúde com o corpo saudável fez impulsionar um mercado de saúde que também se relacionou com a necessidade de incluir as medidas corporais no cotidiano das pessoas. Com o avanço da tecnologia, outras medidas corporais passaram a ser utilizadas para vender outros tipos de produtos e práticas, além de contribuir para a busca por saúde como investimento individual. A tecnologia tornou possível mensurar medidas corporais mais avançadas. A medicina diagnóstica foi uma delas. Medidas de índices e probabilidades de doenças e até possibilidades de mensurar parâmetros do feto durante toda a gestação. O corpo se tornou um instrumento para possibilitar essas medidas, fazendo com que o cálculo da sua vitalidade ampliasse o mercado da vitalidade. O corpo vai se relacionando com essas medidas, o sujeito tem sua subjetivação moldada pela desejada rotina de controlá-lo, por meio da sua própria métrica.

A necessidade comercial de tornar o corpo mensurável pode ser, então, percebida desde a disseminação das academias, da boa forma, da medição das calorias, das dimensões do corpo, colocando-o em padrões estéticos idealizados. Com o avanço do mercado e das tecnologias voltadas também para a saúde e o corpo, como eram as academias, essas medidas podem render frutos muito lucrativos de produtos, de medicina diagnóstica e desse investimento individual ativo do consumo da vitalidade. James Gleick escreve, em seu livro *A informação* (2013), a história da informação ao longo do tempo, iniciando pelo desenvolvimento da linguagem até a era das comunicações avançadas da internet. Ele corrobora a ideia de que primeiro a linguagem

era um molde do pensamento e que, depois, a evolução da linguagem como comunicação se baseou em cálculos matemáticos avançados. E, com isso, toda uma estrutura matemática se volta para a ciência, “é a ciência do cálculo – que se torna cada vez mais necessária a cada passo do progresso, e que deve finalmente governar a totalidade das aplicações da ciência às artes da vida.” (GLEICK, 2013, p. 132).

Quando Foucault (2019) escreve que “[...] foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista [...]” (FOUCAULT, 2019, p. 144), ele assinala que a racionalização da vitalidade se tornou um dispositivo de controle biopolítico. A racionalização do corpo, concentrada na mão do mercado, trata a vitalidade como uma lógica, uma estrutura, algo determinado e moldado. Dessa forma, a lógica parece não ter atingido somente a comunicação e a escrita, como apresenta Gleick, mas também tornou numéricas as ciências e as artes da vida e, junto, o próprio corpo. Dessa forma, o corpo, racionalizado, escalonado e medido, vai se transformando em uma ferramenta numérica muito lucrativa.

Gleick também se dedica a identificar que informação é entropia, que quanto maior a desordem e a surpresa, maior a informação. Quanto menos ordenado é um sistema, mais informação ele contém: “A informação é entropia. Essa foi a noção mais estranha e poderosa de todas. A entropia é a medida da desordem na termodinâmica, ciência do calor e da energia.” (GLEICK, 2013, p. 228). Christine Greiner (2005) discute o conceito de entropia, pensando entropia e atividade corporal do vivo.

A entropia é uma grandeza que, em termodinâmica, permite avaliar a degradação de energia de um sistema. Na teoria da comunicação, é habitualmente explicada como uma taxa que mede a incerteza de uma mensagem a partir daquilo que a precede. Para Prigogine todos os vivos são dissipativos, tudo que dizemos, as informações do ambiente, nosso sistema de conhecimento, nada disso é imutável. Tudo que é vivo deve coabitar com a desordem e a instabilidade. Não há escolha. Essa é a natureza do vivo. Assim, no que diz respeito ao corpo, para estudar um regime de atividade corporal é preciso estudar a estabilidade e a instabilidade que, em certas circunstâncias, têm uma configuração e em outras já estão modificadas. (GREINER, 2005, p. 39).

De acordo com a autora, para estudar um regime de atividade corporal, é necessário estudar a estabilidade e a instabilidade, pois quanto maior a desordem e a instabilidade, maior a entropia. Nesse sentido, quando a vida foi reduzida a sua função biológica, foi possível esquadrihar as mediadas e formatos do seu corpo, reduzindo sua entropia. Giorgio Agamben (2007) fala sobre a distinção grega que esclarece sobre esse aspecto: “[...] *zoe*, que exprimia o simples fato de viver comum aos seres vivos (animais, homens e deuses) e *bios*, que indicava a

forma ou a maneira de viver própria de um indivíduo ou de um grupo.” (AGAMBEN, 2007, p. 9). Porém, na modernidade, a biopolítica torna *zoe* e *bios* indistintas, “o homem moderno é um animal em cuja política está em questão a sua vida de ser vivente.” (FOUCAULT, 1976, p. 127 *apud* AGAMBEN, 2007, p. 10). A biopolítica faz crescer a importância política sobre a saúde e a vida biológica, tornando o mercado, a ciência e as políticas os responsáveis pela vida nua (*zoé*), “[...] em nossa sociedade a vida nua sempre pertence às políticas de natalidade, alimentação, moradia, educação e saúde que estiverem em curso onde ela existir.” (KATZ, 2010, p. 26). O corpo é reduzido a sua vida biológica, e sua vida biológica é o tempo todo mensurada. Torna-se um hábito, o desejo e o dever do sujeito de querer controlar seu próprio corpo.

A ‘vida nua’ (*zoé*) foi dominando o espaço político. Nada mais escapa à regulação que atua em nossa subjetividade, em nosso inconsciente, em nossa sexualidade, nossos sonhos, desejos, amores, nossas percepções. Trata-se de uma atuação difusa, em rede, sem centro. Não mais vem de fora, como no tempo em que Foucault (1983) escrevia sobre os corpos disciplinados pelas instituições, pois agora somos nós – e não mais somente as instituições – os agentes dessa docilização. (KATZ, 2010, p. 25).

Helena Katz (2010) discute que somos nós agora os agentes da docilização do corpo. Nós desejamos e somos incentivados ao controle da vida biológica, que foi colocada no centro da política. A métrica e a medida do corpo tornaram possível a ampliação de formas rentáveis de produtos e práticas. Desde os aparelhos de ginástica até as tecnologias diagnósticas, os protocolos médicos, os medicamentos e o ramo alimentício. Esses produtos e práticas da boa forma, que são práticas dos médicos, dos fármacos e das dietas, se relacionam com a vida biológica de uma forma lucrativa, prometendo o corpo saudável.

3.1 Medidas corporais: medidas simples e complexas

A redução do corpo na sua vida biológica viabilizou o entendimento do corpo como um bem controlado, não só pela biopolítica mas pelo próprio indivíduo. Os aspectos do corpo e da saúde puderam ser mensurados. Desde medidas simples de peso corporal até a capacidade de cruzar medidas fisiológicas complexas, como por exemplo, a medicina genômica.

A biomedicina contemporânea, ao tornar o corpo visível, inteligível, calculável e manipulável no nível molecular, gerou novas relações entre vida e comércio, e possibilitou que antigas tecnologias de saúde, tais como aquelas

de cidadania social, se ligassem de novas maneiras aos circuitos do capital. (ROSE, 2013, p. 213).

O corpo medido, calculado e manipulado que avança com a medicina e biomedicina contemporânea, assim como as práticas de uma vida saudável, contribuem para o desaparecimento de medidas públicas de saúde, ligando o indivíduo diretamente aos circuitos do capital.

Os aparelhos de ginástica, nos ambientes das academias, que se tornaram um mercado muito lucrativo, a partir principalmente da década de 1990, fizeram o corpo se relacionar com muitas medidas. Os aparelhos de ginástica mediam as calorias gastas durante o treino; ao se matricular na academia, eram aferidas as medidas das circunferências do corpo para que fosse possível acompanhar os resultados de desempenho do treino proposto depois de alguns meses. Os benefícios e resultados da prática das academias, eram mensurados por medidas de um padrão de corpo.

Era apontada pela revista *Boa Forma*, em cada reportagem, a métrica da modelo em “exposição”. Sua idade, altura e peso constavam em uma tarja ao lado da foto do corpo exposto. Também era incentivado pela revista que o número do manequim de cada um fosse diminuído, perdendo calorias, ou aumentado o número do *soutien*, com implante de silicone, diminuindo a cintura, os quadris etc. A referência visual de uma fita métrica foi evidenciada em muitas páginas da revista, relacionada ao corpo, tanto para o incentivo da prática de exercícios físicos como para a propaganda de linhas de sutiãs e *shapes* redutoras. Medir o corpo e sua extensão foram se tornando um hábito social para que o corpo fosse sendo controlado, administrado e corrigido, se necessário.

Ao mesmo tempo que esses parâmetros da boa forma foram fazendo parte do cotidiano dos sujeitos, sofisticações de tecnologias do corpo, a partir da métrica corporal vão sendo desenvolvidas também em setores como a medicina diagnóstica e genômica. A métrica corporal não se restringe apenas a medir e controlar aspectos corporais em relação à forma, mas também em medir e controlar aspectos como doenças e riscos genéticos, “[...] aumentando as obrigações que as pessoas e as famílias têm de monitorar e gerir sua própria saúde.” (ROSE, 2013, p. 98). O cálculo de mortalidade e morbidade, que eram maneiras de intervir nas políticas de saúde pelo Estado, estão agora reveladas em cálculos biopolíticos, que medem muitos parâmetros da corporeidade do cidadão biológico ativo.

No campo da saúde, à medida que o delineamento de risco se desenvolveu a partir de meados do século XX, perfis de risco, escalas e índices eram usados

para identificar aqueles que se enquadravam nos grupos com um risco significativamente maior do que a média, a fim de intervir preventivamente neles. (ROSE, 2013, p. 109).

A proliferação de índices a partir de medidas do corpo é utilizada não efetivamente para o cuidado e a prevenção da saúde, mas para criar sobre os indivíduos novas preocupações e hábitos para procedimentos que antes não existiam. Nos acompanhamentos ultrassonográficos para períodos pré-natais não havia, antes, a necessidade de repetições a intervalos menores como ocorre hoje. Surgiram, ainda, possibilidades de comercialização de novas técnicas, como, por exemplo, a da coleta do cordão umbilical¹⁵ dos bebês no momento do nascimento. Essa nova técnica, que congela as células-tronco presentes no sangue do cordão umbilical do recém-nascido, mediante pagamento de taxa para coleta e taxa de mensalidade para seu armazenamento em bancos privados, tem como expectativa utilizar o material coletado em caso de necessidade futura, para auxílio em tratamento de doenças que podem vir a se desenvolver na criança. A possibilidade de mensurar índices corporais, para calcular riscos e doenças, abre oportunidades para a ampliação de um campo mercadológico em saúde.

Em 2003, foi criada uma Startup chamada My Heritage¹⁶, em Israel. Ela é uma plataforma de genealogia *online*. Sua principal função é criar árvores genealógicas. Atualmente disponibiliza o serviço em 42 idiomas, incluindo o português. Nessa plataforma, é possível que pessoas criem suas árvores genealógicas buscando seus antepassados de forma gratuita. Porém, é uma plataforma do tipo *freemium*, que consiste em um modelo de negócio onde algo é disponibilizado gratuitamente, mas é cobrado um valor adicional para recursos adicionais. O recurso adicional oferecido é o *My Heritage DNA*. Esse serviço consiste em você encomendar um kit de DNA *online*, fazer a coleta do material (saliva em cotonete) em casa e enviar para o laboratório da empresa, tendo resultado disponível *online* em alguns dias. Além disso, um novo recurso foi oferecido, também mediante pagamento, chamado *My Heritage Saúde*, com a função nomeada Risco Genético. Nela é oferecida a seguinte proposta

A maioria das condições médicas são causadas por uma combinação de fatores não genéticos, como estilo de vida e ambiente, e fatores genéticos, que são determinados pelo seu DNA. O impacto que sua genética tem em sua saúde é chamado risco genético. Os relatórios de riscos genéticos informam se você tem um risco genético diminuído, médio ou aumentado para o desenvolvimento de certas condições de saúde. Conhecer seu nível de risco

¹⁵ Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2017/11/congelar-o-cordao-umbilical-vale-pena.html>. Acesso em: 28 dez. 2019.

¹⁶ Site www.myheritage.com.br.

pode ajudá-lo a tomar decisões informadas sobre o gerenciamento de sua saúde. (MYHERITAGE, 2019, n.p.).

Esse procedimento já está disponível no Brasil pelo valor de R\$ 799,00. Muitos outros procedimentos da medicina diagnóstica e genômica são viabilizados no país e no mundo. E essas práticas são impulsionadas a partir da possibilidade criada pelo mercado do corpo e da saúde, de medir o corpo e a vitalidade, fazendo da métrica corporal uma forma de controle biopolítico. O mercado da saúde amplia suas possibilidades, a partir da associação da métrica corporal e dos avanços tecnológicos.

Quero explorar essa ‘otimização’ em relação a duas questões interligadas – ‘susceptibilidade’ e ‘aprimoramento’. Em cada uma, o conhecimento biomédico intervém nos seres humanos no presente com um olho para otimizar sua futura vitalidade. A susceptibilidade regula a multidão de projetos biomédicos que tenta identificar e tratar pessoas no momento sem sintomas, em nome da prevenção de doenças ou de patologias que podem se manifestar, elas mesmas, no futuro. O aprimoramento relaciona-se às tentativas de otimizar ou incrementar quase qualquer capacidade do corpo ou da alma humanos – força, resistência, longevidade, atenção, inteligência – para abri-la ao artifício e incluir seu gerenciamento dentro da remessa da biomedicina do tribunal para a clínica e para o mercado. (ROSE, 2013, p. 123).

Rose exhibe em seu livro *A Política da própria vida* (2013) aspectos e discussões biopolíticas que envolvem a era da medicina genômica no mundo, assim como questões de susceptibilidade e aprimoramento, a partir do risco, que se dobram na subjetividade contemporânea. A questão de propor, por meio da susceptibilidade, novos pré-pacientes, agora pode ser tornar mais real no Brasil, através de sites como o My Heritage. Logicamente, para aqueles que tiverem o valor para pagar, o que, em se tratando do Brasil, é um percentual referente a uma minoria.

A métrica corporal foi se complexificando ao longo do tempo, com o avanço do mercado e da tecnologia. O corpo como *medida de todas as coisas* foi produzindo subjetividades e um mercado que se desenvolve a partir delas, e também as produzindo, tornando a métrica corporal algo muito rentável, desde a medida de índices de gordura corporal até medidas de DNA e riscos genéticos. A métrica vai se tornando um desejo, uma necessidade. Antes, a métrica estaria mais relacionada com algo que você precisa checar, com uma forma de corpo, e, hoje, além disso, a métrica proporciona, por meio do avanço da tecnologia, informações e dados a respeito do futuro da saúde.

3.2 Medidas corporais: nutricêutica

No artigo “Vida funcional e sustentabilidade de si”, Rogério da Costa fala sobre o conjunto das “práticas de si”¹⁷ em torno do assunto de alimentação e saúde individuais. A alimentação se relaciona com o prazer de se alimentar, o paladar e os sabores, mas acabou se deslocando para criar no corpo “componentes químicos de medida”. As medidas dos componentes químicos dos alimentos são possíveis de serem encontradas nos rótulos dos alimentos nas prateleiras dos supermercados ou em lojas de produtos naturais. O autor relata que nos acostumamos a encontrar “uma série de questionamentos sobre a natureza dos produtos que consumimos, da constituição química de suas embalagens, de seus efeitos danosos à saúde, bem como sobre o ar que respiramos, a água que bebemos etc.” (COSTA, 2011, p. 26). O texto reflete sobre a sustentabilidade, que se torna uma forma de o “verde” não representar apenas uma iniciativa para salvar o planeta, mas também para salvar a nós mesmos, por meio da alimentação também sustentável. Porém, o ser sustentável dialoga com uma nova forma de tornar mensurável mais uma forma de vida, a alimentação. Algumas palavras que se relacionam à química dos alimentos vão se tornando comuns entre as pessoas e suas rotinas, como, por exemplo, colágeno, antioxidante, lactose, sódio etc. Vamos aprendendo a reconhecer esses elementos, que são uma medida, e medindo também seu consumo. O corpo como um elemento funcional vai virando rotina, assim como suas medidas.

Mas nem por isso o corpo deixou de ser objeto de apropriação, só que de uma outra forma. Agora ele é um dos focos privilegiados de consumo pois, como correlato da noção de capital humano emerge a ideia de um capital corpo, capital saúde. Os indivíduos passam, portanto, a calcular e raciocinar sobre custos e benefícios do que consomem do ponto de vista de seu capital corpo. Sua saúde passa a ser objeto de investimento, e é assim que são induzidos a pensar e refletir sobre o que consomem, como uma forma de investimento em si mesmos, em sua própria vida. Essa dobra na noção de capital, em que passamos do corpo como máquina explorada ao corpo como objeto de investimento (tendo como mediação a ideia de capital humano), é que opera a conversão da noção de sustentabilidade econômica e socioambiental para a de sustentabilidade da vida. (COSTA, 2011, p. 27).

¹⁷ O livro *O Corpo – Pistas para Estudos Indisciplinares* cita que, o conceito de si-mesmo para o neurocientista António Damásio (1999) seria “[...] a coleção de imagens que representam os aspectos mais constantes do organismo e suas interações com o ambiente e os outros seres vivos. Estes aspectos seriam o resultado de interações entre a estrutura biológica do corpo, as operações cognitivas, e os repertórios possíveis de ação corporal e o próprio corpo. Damásio propõe considerar como o âmago na noção de ‘si-mesmo’ a estrutura do corpo (vísceras, estrutura muscular, óssea e outras) e a identidade singular da ação. Isso compreende as atividades cotidianas, as relações com os outros e as escolhas pessoais durante a vida.” (2005, p. 80).

É para o sujeito individual que esses cálculos e medidas dos alimentos se dirigem. A alimentação funcional¹⁸ se direciona também a utilizar as palavras saúde e saudável, quando indica suas doses de colágeno e *shakes*, além dos valores químicos indicados para a rotina. “Passa-se a perceber um alimento não mais na inocência do prazer, da gula, da satisfação, mas da terapêutica, da prescrição.” (COSTA, 2011, p. 30). Tornar algo funcional e, nesse caso, a alimentação, se relaciona com o fato de tornar algo específico, direcionado para uma função, para uma medida. O artigo levanta o questionamento: a alimentação não estaria se tornando uma terapia? Mais uma vez, a promessa de saúde para o corpo, notada também na indústria da alimentação, vai transformando o cuidado de si em uma medida do próprio corpo, que se traduz em um controle minucioso dos parâmetros com os quais o corpo se relaciona diariamente.

3.3 Medidas corporais: *Apple Watch*

A empresa norte-americana *Apple Inc.*, de tecnologia, lançou em 2015 um relógio inteligente chamado *Apple Watch*¹⁹. Ele tem, além da função de relógio, a capacidade de rastrear atividades físicas, e sua tecnologia é denominada *tecnologias vestíveis*. Em seu último lançamento, a versão *Apple Watch series 5*, tem como slogan publicitário a seguinte frase “Monitor proativo de saúde. Sempre à vista. Sempre de olho”. Sua função consiste em “ser uma inspiração para levar uma vida mais saudável”. O relógio pretende ser uma via para manter hábitos saudáveis. Ele se propõe a medir aspectos corporais como frequência cardíaca, nível de ruído saudável para audição, diabetes, respiração e até detecção de queda no chão. Caso o sujeito caia e demore mais de 60 segundos para responder, ele chama um serviço de ajuda. O resgate serve tanto dentro do país em que a pessoa vive quanto fora, caso o sujeito esteja se deslocando para trabalho ou férias. Por meio dessas medidas de parâmetros do corpo, o relógio tem o objetivo de notificar, antes do aparecimento de algum sintoma, quando algo com o corpo estiver errado, como, por exemplo, um ataque cardíaco. O relógio se conecta com o corpo pelo pulso e também com o aplicativo “Saúde”, disponível no celular. Acessando o aplicativo, as informações também estarão presentes e registradas nele.

O relógio mantém uma função de gerenciador ativo de saúde e cumpre muito bem a função de, como já mencionado, manter em nós uma cidadania ativa em relação a nossa saúde. A tecnologia se tornou uma colaboradora do “autocuidado” em saúde, não só por tornar simples e rápida a medida de parâmetros corporais, mas também por cruzar as informações e estabelecer

¹⁸ Alimentação funcional. Disponível em: <http://www.nutricêutica.com.br>. Acesso em: 29 dez. 2019.

¹⁹ Disponível em: <https://www.apple.com/br/apple-watch-series-5/health/>. Acesso em: 29 dez. 2019.

diagnósticos. Isso porque o autocuidado agora tem efeitos positivos a saúde. Nos parece claro que, à beira de um ataque cardíaco, o fato de a pessoa ser salva pela tecnologia talvez não mereça julgamentos. Porém, nessa investigação de autocuidado como forma de autogestão, vale observar que isso nem sempre significa saúde. Assim, o que ocorre é que a tecnologia tem produzido mercadorias sob medida para as demandas de “autocuidado”, que mais se aproxima de um autocontrole, muitas vezes. Com o avanço tecnológico, e a aproximação com o nosso corpo está cada vez mais disponível, para quem puder pagar por mensurar aspectos do corpo e da saúde, em nome da busca de uma vida saudável.

3.4 Consumo da experiência do próprio corpo

O mercado do corpo e da saúde sempre utilizou medidas corporais para tornar o corpo mais rentável. O mercado se apropriou das medidas do corpo para poder desenvolver produtos e mercadorias. Com o avanço tecnológico crescente dos últimos anos, a relação entre corpo e mercado tornou-se ainda mais próxima. É no próprio corpo agora que as tecnologias se abrigam, fazendo dele o meio técnico para acessar o mercado.

Dardot e Laval (2017) apontam as transformações do capitalismo contemporâneo em sua relação entre mídia e mercado. Na metade do século XX, a imagem do produto que se adquiria valia mais do que o próprio produto. Com as novas transformações do capitalismo em relação às mercadorias, o valor comercial se relaciona agora com a experiência por meio do acesso, “[...] o próprio capitalismo está mostrando o caminho, ao fazer do acesso aos serviços das mercadorias, e não da propriedade dos bens, a forma de satisfazer as necessidades.” (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 498). Agora a maneira de consumir, o desejo de adquirir algo se dá na forma de um mercado da experiência. O que se comercializa agora não são mais bens, mas o uso de bens e o acesso a serviços, chamado de capitalismo de comunicação ou capitalismo de serviço. Os donos dos meios de acesso são aqueles que adquirem um poder social, cultural e também biopolítico em relação aos seus usuários, que consomem agora por meio do acesso às mercadorias,

Estamos entrando numa nova era em que a experiência humana é cada vez mais uma mercadoria consumida na forma de acesso a redes polivalentes presentes no ciberespaço. Essas redes eletrônicas, às quais um número cada vez maior de indivíduos se conecta todos os dias, durante horas, são controladas por um punhado de empresas transnacionais do setor de mídia e telecomunicações. Essas empresas são proprietárias das redes de comunicação desses indivíduos e controlam o essencial do conteúdo cultural que define essa

experiência – mercadoria na era da pós-modernidade. Não há precedente histórico para esse controle exaustivo da comunicação humana. [...] Trata-se de uma nova forma de monopólio comercial, monopólio exercido sobre a vivência de uma parte importante da população mundial. (RIFKIN *apud* DARDOT; LAVAL, 2017, p. 500).

É a experiência humana agora que se transforma em mercadoria na forma de acesso no ambiente virtual. Ou seja, a mercadoria não é mais aquele bem que está fora do corpo e quando adquirido, usamos. É o próprio corpo que se converte em mercadoria na forma de acesso. A experiência humana agora é a mercadoria, tanto para conteúdo cultural como para qualquer outro que se estabeleça como acesso.

O mercado da experiência engloba, portanto, a imagem como valor. Mas trata-se de um passo a mais, e um passo fundamental: caminha-se para o ponto no qual já não seja mais preciso adquirir o produto; ou seja, a experiência torna-se o único produto. (FONTENELLE, 2004, p. 192).

Isleide Fontenelle escreve que a experiência parece ser o elemento que une as duas economias, a economia da imagem e da experiência. Ela se refere a essa experiência como sendo uma experiência de lazer ou entretenimento. Exemplos disso hoje são as plataformas pagas de *streaming*, para assistir filmes e séries, como a *Netflix*, *Amazon prime video*, *HBO Go*, *Telecine Play*, entre outras. Mas também vai além disso e, segundo a autora, “[...] o varejo moderno está recorrendo a uma pretensa ressensibilização do corpo, a um novo treino dos sentidos, dos sabores, da magia das antigas feiras livres.” (FONTENELLE, 2004, p. 196). Dessa forma, o mercado vigente busca por satisfações que produzam reações sensoriais no próprio corpo. Como se dá a experiência do corpo nessa sociedade vigente? “Falar de corpo na sociedade capitalista seria falar, portanto, de uma expropriação do corpo, de sua instrumentalização a partir do que é instituído pelo capitalismo.” (FONTENELLE, 2004, p. 13).

A discussão sobre as possibilidades de instrumentalização do corpo, também é colocada por Helena Katz (2015) no artigo “Corpo Apps: do dispositivo ao aplicativo”. A autora fala da importância da investigação a respeito de que o corpo possa estar se transformando em um aplicativo. Comenta que, hoje, ao sair de um consultório médico, independentemente do diagnóstico apresentado, o médico vai procurar um aplicativo para auxiliar no tratamento, pois muito rapidamente têm se desenvolvido hoje centenas de aplicativos orientados para a saúde.

Nesse mesmo sentido a nova tecnologia, citada anteriormente, o relógio *Apple Watch*, vai um pouco mais adiante. Essa tecnologia, quando utilizada, está além do que oferecem aplicativos que auxiliam no tratamento de doenças. O relógio *Apple Watch* compreende uma

tecnologia que controla as funções vitais, 24 horas por dia, e que atua no sentido de diagnosticar possíveis doenças. Portanto, através dessas novas tecnologias, o paciente é levado a ter um controle autônomo das suas funções vitais e do seu estado de saúde. “É a confirmação de que as trocas de um corpo (humano) com outro corpo (o da máquina) são trocas com transformação, e o que lhe parece ser apenas exterior (os equipamentos) se ‘carnificam’ em corpo.” (KATZ, 2015, p. 246).

O objetivo aqui é chamar a atenção para uma mudança relevante: da preocupação em identificar os dispositivos e a sua ação em nossas vidas, para a percepção de que nossas vidas passam a ser pautadas pela lógica do aplicativo. Do mundo dos dispositivos para o viver pensado e praticado como aplicativo [...] Aqui se propõe investigar o fato de nós mesmos haveremos nos tornado aplicativos. (KATZ, 2015, p. 240).

A relação diária que atualmente mantemos com as tecnologias, como os *smartphones*, vai se transformando em nossas novas formas de vida. Elas vão propondo novos hábitos cognitivos, que são também corporais, modificando nossas relações com o outro e com o meio. A nossa memória é também hoje a memória do celular, que organiza nossas agendas, compromissos e contatos; nosso senso de localização está sendo modificado pela oportunidade de usar aplicativos que nos direcionam, disponibilizando mapas e rotas para qualquer localização, como os aplicativos *Waze* e *Google Maps*.

Essa nova realidade corporal, que também é política, social e cultural, faz com que os novos dispositivos tecnológicos estejam traçando uma nova biopolítica. A nova biopolítica contemporânea têm se relacionado com o corpo e esses novos dispositivos, que foram um pouco mais além das mercadorias que comprávamos, e ainda compramos, para vestir e usar, já que agora a experiência e a vivência humana é que são as novas formas de mercadoria. As relações que se estabelecem entre o corpo e a tecnologia são as novas maneiras existentes do mercado controlar o corpo e a vitalidade. Há, portanto, uma nova biopolítica, uma nova forma de controlar o corpo através desses dispositivos tecnológicos. Por esse motivo, talvez não seja mais possível pensar corpo e saúde de forma separada dessas tecnologias, pois elas chegaram tão próximo do corpo que já fazem parte dele.

Nossa intensiva convivência com os *softwares* tornou-se uma lógica, um modelo de lidar com o mundo, com os outros, consigo mesmo. Lógica enquanto propriedade de organizar o pensamento, de relacionar ideias. Assim funcionamos agora e, curiosamente, ainda não identificamos com muita clareza esse traço novo. O *software* se caracteriza sobretudo por configurar uma ação funcionalista de primeiro grau: ele existe para executar a tarefa x,

foi criado para isso, e deve atender de forma rápida e eficiente o propósito que lhe deu vida. O *software* é da ordem do ‘existe para’. Recorre-se a ele somente quando se tem interesse na função para a qual existe. Mas lidamos tanto com eles que essa lógica que os estrutura termina por nos contaminar e a virar um comportamento, mesmo quando não estamos diretamente envolvidos com *softwares*. Aos poucos, vamos passando a nos relacionar com tudo e todos também nesse eixo do ‘as coisas são para uma certa função’. E, lentamente, o ‘as coisas’ passa a ser também ‘as pessoas’, ‘as atitudes’, ‘as escolhas’ etc. (KATZ, 2015, p. 244).

A proposta de refletir sobre essa nova realidade, de que o corpo pode ter se tornado um aplicativo e que os hábitos humanos estão semelhantes aos das máquinas, também colabora com a ideia de que estamos nos tornando cada vez mais seres numéricos e funcionalistas, fazendo prever nossos gestos e aumentando o desejo de controlar nosso corpo. É importante que essa co-determinação entre corpo e ambiente, entre natureza e cultura seja discutida por meio da teoria corpomídia.

No artigo “Corpo e processos de comunicação”, Helena Katz e Christine Greiner (2001) propõem a teoria corpomídia. Por meio do estudo inter-teórico do corpo e dos processos de cognição, elas pretendem entender: “como se dava o trânsito entre as informações do mundo e as informações residentes no corpo?” (KATZ; GREINER, 2001, p. 68). Elas acreditam ser perversa a relação do dualismo entre a separação de corpo e mente descrita por Descartes, e seguiram propondo novas maneiras de poder descrever corpo e mente, sem separação, assim como sem dualismos entre natureza e cultura. A teoria corpomídia “revê e sugere novas possibilidades de estudo da cultura como um processo complexo, em que não se distinguem, de forma dual e absoluta, interno e externo, cultura e não-cultura, sujeitos e objetos.” (KATZ; GREINER, 2001, p. 66). A concepção é de que corpo e ambiente se desenvolvem em co-dependência, sem separação entre eles.

Tudo o que vamos vivendo nos modifica. E a força do espiralamento permanente entre corpo e ambiente vai produzindo novas necessidades, que nos impulsionam a inventar o que é necessário para atendê-las. A percepção deste espiralamento é fundamental para que se compreenda que isso que a internet faz hoje conosco pertence à história evolutiva dos instrumentos que fomos inventando e que nos foram moldando. É também desta estreita relação que todas as mídias foram e continuam a ser descobertas/inventadas/produzidas/exploradas. (KATZ, 2015, p. 249).

A propósito dessa não separação entre corpo e ambiente é que a teoria corpomídia invalida o pensamento de pensar o corpo como um organismo biológico onde a cultura inscreve seus traços. “A teoria corpomídia propõe a inexistência do corpo fora da cultura; corpo e

ambiente se co-determinam.” (KATZ, 2010, p. 22). Além disso, a teoria também propõe a relação entre corpo, movimento e cognição. Propõe que é o movimento do corpo que corporifica as trocas sempre presentes com o ambiente, pensando que o movimento é a matriz da comunicação.

Não há nada que esteja em um pensamento que não tenha estado também no sistema sensorio-motor do corpo, ou seja, quem dá início ao processo de comunicação é o movimento. Por isso, também se torna indispensável saber como o corpo funciona. [...] Como os conceitos estruturas neurais nos permitem categorizar e raciocinar, tais atividades deixam de ser somente mentais e passam a ser entendidas como corporificadas. E as primeiras implicações epistemológicas dessa proposição dizem respeito a compreender que o raciocinar, o perceber e o funcionar motoramente passam a estar profundamente ligados. A razão passa a ser tratada na perspectiva do movimento, ou seja, corporificada. (KATZ, 2010, p. 23).

A teoria corpomídia, nega a dualidade corpo e mente, assim como acredita existir sempre trocas permanentes entre corpo e ambiente. Os discursos e práticas corporais proliferados midiaticamente a respeito do corpo e sua saúde também se tornam corpo. E, assim, se vai moldando quem somos ou acreditamos que somos, buscamos e queremos.

3.5 A mídia na modulação da cultura e da experiência do corpo

O autor Stig Hjavard (2012), no artigo “Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultura”, acredita que a midiatização é a forma como a mídia molda os padrões de interação social e que se trata de uma “virtualização da interação social” (HJAVARD, 2012, p. 53). O conceito de midiatização entende que a mídia cria e modula o padrão de interação e de experiência da sociedade, “[...] o conceito de midiatização revelou-se produtivo para a compreensão de como a mídia se difunde para, se confunde com e influencia outros campos ou instituições sociais tais como política e a religião.” (HJAVARD, 2012, p. 54). As mensagens mediadas por ela, acredita o autor, já permearam os hábitos da sociedade contemporânea de forma a não mais poderem ser consideradas como algo separado das instituições tanto sociais quando culturais. A partir do conceito de midiatização é possível entender “[...] as circunstâncias nas quais a cultura e a sociedade passaram a ser midiatizadas.” (HJAVARD, 2012, p. 55).

Os meios de comunicação não são apenas tecnologias que as organizações, os partidos ou indivíduos podem optar por utilizar – ou não utilizar – como bem

entenderem. Uma parte significativa da influência que a mídia exerce decorre do fato de que ela se tornou uma parte integral do funcionamento de outras instituições, embora também tenha alcançado um grau de autodeterminação e autoridade que obriga essas instituições, em maior ou menor grau, a submeterem-se a sua lógica. A mídia é, ao mesmo tempo, parte do tecido da sociedade e da cultura e uma instituição independente que se interpõe entre outras instituições culturais e sociais e coordena sua interação mútua. (HJAVARD, 2012, p. 55).

Os meios de comunicação de massa (livros, jornais e revistas) ampliaram seu alcance com o avanço tecnológico e, dessa forma, puderam aumentar a disseminação da sua influência na cultura. Por meio da internet, a midiaticização, que é a influência que a mídia tem de moldar a interação e experiência humanas, pode ter um alcance ainda maior. O autor também discute que as midiaticizações chamadas diretas se relacionam a atividades que *a priori* não eram mediadas e que passam a se tornar mediadas, modificando, assim, a cultura. Um exemplo dessa midiaticização direta é o jogo de xadrez, que antes era uma experiência vivida somente por meio de um jogo físico e passa a existir como um jogo de computador, modificando, portanto, a experiência de jogar. O que ele pesquisa é que a na midiaticização direta há uma atividade social que é substituída por outra. Nesse sentido, os meios de comunicação não só divulgam e disseminam conteúdos e discursos como também produzem um molde institucional da nossa experiência humana.

Quando essa informação habita redes distributivas, poderosas como os meios de divulgação de massa (televisão, rádio, jornal, net etc.), a primeira consequência é a sua proliferação rápida. Sendo o corpo ele mesmo uma espécie de mídia, a informação que passa por ele colabora com o seu design, pois desenha simultaneamente as famílias de suas interfaces. (GREINER; KATZ, 2001, p. 73).

Gilbert Simondon (2003), em *A Gênese do Indivíduo*, vai abordar a realidade do indivíduo por meio da existência de um princípio de individuação que explica, produz e conduz essa realidade. O princípio de individuação é uma realidade que precede a individuação. O autor define que o indivíduo não é um indivíduo, é um processo de individuação, “[...] a individuação deve ser apreendida como devir do ser, e não como modelo do ser que esgotaria sua significação.” (SIMONDON, 2003, p. 110). A individuação é o individual sem ter uma síntese, é afetar e ser afetado. O que é entendido como singular, como a noção de identidade, está fora do conceito de individuação.

As lógicas do neoliberalismo que, em conjunto com a midiaticização, produzem subjetividades, ajudam na criação do indivíduo que é justamente moldado na noção de

identidade, de cidadão singular, que é um modelo que esgota a sua significação. A criação do *cidadão biológico ativo* pelo mercado da saúde, conceito que foi tratado anteriormente, encaixa-se nesse empreendedorismo individual, singular, que cria identidades que não se completam no coletivo, sendo suas responsabilidades exclusivamente individuais.

Já a individuação pensa o indivíduo como um processo, por nunca estar pronto, e que o sujeito está sempre *individuando-se*, “[...] no vivo há uma individuação pelo indivíduo e não apenas um funcionamento resultante de uma individuação já efetuada, comparável a uma fabricação.” (SIMONDON, 2003, p. 105). É essa noção de fabricação que atua na realidade do indivíduo contemporâneo. Observamos constantemente a criação de identidades e de corpos moldados e fabricados. Isso impede o desenvolvimento de uma noção de individuação e de uma realidade do indivíduo pelo princípio de individuação, que é um devir do ser. O corpo não vai se constituindo processualmente. Ele vai se aprisionando no seu singular, pré-fabricado.

Simondon defende a ideia de uma pré-individuação, que está sempre ocorrendo, o que torna a individuação um processo de sempre individuar-se. A mídia é uma captura desse pré-individual. O que ela produz e subjetiva acaba por pré-fabricar o sujeito. As métricas corporais, a boa forma, o sujeito saudável são uma pré-fabricação midiática e neoliberal, que modalizam a corporeidade do sujeito, “[...] o vivo é também o ser que resulta de uma individuação, o que não faz o objeto técnico, ao qual o mecanismo cibernético gostaria de assimilá-lo funcionalmente.” (SIMONDON, 2003, p. 105). A tecnificação do corpo por meio da fabricação de um corpo numérico faz do corpo algo pronto, sem processo, objetivado e funcionalizado, perdendo, assim, sua capacidade processual e política.

O que há de mais positivo no estado do ser pré-individual, isto é, a existência de potenciais, que é também a causa da incompatibilidade da não-estabilidade deste estado [...] jamais é etapa ou fase, e a individuação não é síntese, retorno à unidade, mas defasagem do ser a partir de seu centro pré-individual de incompatibilidade potencializada. (SIMONDON, 2003, p. 114).

O autor ainda fala do conceito de transdução. A operação transdutora é uma individuação em processo. Nunca estamos em ausência de movimento, estamos sempre em transdução. “A transdução corresponde a essa existência de relações que nascem quando o ser pré-individual se individua.” (SIMONDON, 2003, p. 113), a transdução é o fundamento da individuação. Junto com esse conceito, ele também explora o conceito de metaestabilidade, que defende a ideia de que estamos sempre em movimento, em fluxo, nunca havendo ausência de movimento. Se pensarmos sobre o conceito de saúde, por exemplo, no senso comum, seria termos equilíbrio. Porém, o equilíbrio não é tão desejável pois ele é imóvel. Segundo o autor, o

que seria a condição do vivo é essa metaestabilidade, estando sempre em fluxo, em processo, em operação transdutora.

A atividade do vivo, por consequência, não está toda concentrada em seu limite, como a do indivíduo físico; existe nele um regime mais completo de ressonância interna, que exige comunicação permanente e mantém uma metaestabilidade que é a condição de vida. (SIMONDON, 2003, p. 105).

Simondon também contesta a ideia mais tradicional de individuação a respeito de forma e matéria. Ele é contra a ideia de matéria como delimitação, situação em que a forma é que dá o sentido à matéria. Acredita que a matéria está em constante modulação, quebrando a dualidade de forma e matéria, entende que a forma é um processo sem estabilidade, que é metaestável. “A noção de forma merece, estão, ser substituída pela de informação.” (SIMONDON, 2003, p. 116). A proposta dele é de que existe uma forma, mas ela não é pronta. Está sempre em processo.

Nem pura estabilidade, nem pura instabilidade. Trata-se antes de uma operação que se baseia numa série de equilíbrios metaestáveis, que tem como fórmula, como elemento disparador, a informação. A informação é a modalidade de troca, de ressonância entre as partes de um sistema que se individua. Ela é informante e informada, é, simultaneamente, resultado e germe de individuação, pois é o que transborda, irradia e resplandece de uma individuação a outra. (SIMONDON, 1989, p. 234, *apud* ESCOSSIA, 2003, p. 182).

Para que seja possível existir processos de individuação, a informação precisa ser a modalidade de troca. Aumentar a entropia para que o sistema possa atuar de forma metaestável. Entender que as formas não estão sempre prontas, que existe um processo sempre acontecendo no estado pré-individual, e que constantemente se individua. Quando o pré-individual é captado pelo mercado e pela mídia, os processos de individuação são impedidos de acontecer. O corpo é impedido de existir em processos metaestáveis, em fluxo, aumentando sua entropia, quando novas informações possam ser trocadas com o ambiente e o ambiente com o corpo. O corpo se encontra em uma realidade que é moldada e pré-fabricada pelas instituições.

Percebe-se que nas biopolíticas contemporâneas não importa o corpo e a saúde, mas, sim, uma valoração relacionada a eles. O indivíduo singular precisa ser responsável pelos adereços que se anexaram ao seu corpo e sua saúde, dando sentido a padrões em que eles são valorados. Não importa o corpo, mas o valor e o desejo de controle agregados que são

divulgados na captação do seu estado pré-individual. O corpo em si é desqualificado, transformando-se apenas em um meio técnico.

Nenhuma das medidas que foram extraídas do corpo no intuito do mercado de fazer delas novas formas de experiências humanas atuam no sentido de promover um melhor desenvolvimento da potência e da autonomia do corpo relacionadas à saúde, como um viver legítimo e criativo. As medidas que se anexaram ao viver do corpo e da saúde, tanto as mais simples como as mais complexas, são apenas formas de poder avançar na utilização delas pelo mercado. Quando o sujeito disponibiliza suas medidas para *softwares* e descobre que está acima do peso ou que poderá, no futuro, desenvolver uma doença genética, nada é feito muito além de utilizar essas medidas e dados para ampliar o mercado da experiência humana.

CONCLUSÃO

Ser saudável e as práticas relacionadas a esse estilo de vida foram atitudes estimuladas midiaticamente na passagem do século XX para o século XXI, a partir de padrões de monetização do corpo e da saúde, acompanhando interesses econômicos vigentes. Além disso, cuidar da saúde, sendo saudável, foi se tornando parte de um enredo no qual o que se procura é um controle do próprio corpo. O hábito de ser saudável transformou-se em uma busca diária pelo desejo do controle do corpo por meio de suas próprias medidas.

Os aspectos observados em relação à perspectiva de que a extensão do corpo e sua vitalidade foram se transformando em uma medida comercializável nos fazem pensar que não é apenas o corpo como objeto de uma biopolítica que é controlado pelos interesses econômicos, mas, agora, o próprio sujeito deseja também controlar seu corpo. O desejo de controlar o próprio corpo vem sendo estimulado pelo mercado, por dispositivos tecnológicos que já fazem parte do cotidiano, transformando o controle do corpo em um novo hábito diário e necessário.

Esses dispositivos já existem e fazem parte do cotidiano de muitas pessoas, como, por exemplo, o relógio *Apple Watch*, aplicativos de saúde ou até mesmo serviços como os disponíveis no site myheritage.com.br, que tem como proposta zelar para que tenhamos uma vida mais saudável e segura. Porém, em sua maioria, esses dispositivos nos afastam de uma consciência do corpo e da saúde, nos tornando cada vez mais distantes da nossa condição corporal e nos aproximando de uma corporalidade apenas como um meio técnico, no qual se investe em controle e preocupação.

Junto com o crescente mercado que nos faz desejar sermos saudáveis, a partir do investimento monetário do controle do corpo e da saúde, cresce o incentivo de um mercado de privatização da saúde. Hoje o que se privatiza não é mais apenas a busca individual de um corpo esteticamente perfeito, o corpo *boa forma*, nos padrões de beleza estabelecidos socialmente, mas também a privatização da própria saúde. Anteriormente, cada um cuidava da sua aparência de forma a poder ter melhores resultados, hoje a saúde também atingiu esse patamar, fazendo o sujeito ser responsável por resultados, medidas e controle da sua saúde.

Os novos hábitos de desejar controlar a saúde já foram efetivados pelos dispositivos tecnológicos de medida corporal, que agora fazem parte da nossa própria corporeidade. O hábito de tornar nossa vigilância em saúde vigente não parece ser uma prática que se vai desfazer nos próximos anos e séculos, mas, pelo contrário, tende a aumentar. A questão é aonde o controle do corpo pela privatização da nossa vitalidade podem chegar e quais serão as consequências ou mudanças na perspectiva da saúde dos indivíduos.

Foi discutido nesse trabalho que o mercado do saudável tem contribuído para a individualização da saúde e, com isso, tem impulsionado a desoneração do estado de cumprir medidas de saúde pública. Ao mesmo tempo em que é ampliada e vendida a ideia sobre um discurso midiático que cria a necessidade de uma responsabilização individual a respeito da saúde, acontece uma desresponsabilização do estado, que transforma a privatização e a individualização da saúde também em um problema de desigualdade social. Um exemplo disso é o Sistema Único de Saúde brasileiro, o SUS, que recentemente tem sofrido ataques pelas empresas privadas de saúde.

Já discutidos no primeiro capítulo deste trabalho, os temas socio sanitários do presente encontram-se distantes de uma realidade de saúde pública de qualidade. A crescente valorização mercadológica sobre a vitalidade, induz ao investimento individual para a proteção necessária à saúde. Quem está criando os limites e medidas do que é ou não saúde é o setor privado. E isso é socialmente desigual, pois beneficia a poucos e contribui para a destruição das políticas públicas de saúde, como, por exemplo, o SUS. Em uma matéria do Jornal *Le Monde Diplomatique Brasil*²⁰, de novembro de 2019, encontramos o título “Instabilidade Global, universalidade radical”. A matéria fala sobre as incapacidades do sistema de saúde pública de responder aos desafios socio sanitários atuais do nosso país: “A expansão da cobertura de planos de saúde privados foi permitida, estimulada e legitimada, e o padrão perverso de gastos privados se aprofundou.” (MATOR, 2019, p. 6).

Não há nada que indique que os planos de saúde melhoram a saúde do brasileiro, porém, é o tipo de investimento que o mercado de saúde tem proposto. O aumento da eficiência do mercado da vitalidade tem sido um dos substituidores do dever do estado em investir gastos públicos em saúde para todos.

É preciso dizer que a verdadeira fonte de ineficiência do sistema são os planos de saúde e prestadores que utilizam recursos e tecnologias de forma descontrolada e irracional para atender uma parcela mínima da população e sustentar padrões assistenciais e de consumo inadequados e desiguais. (MATOR, 2019, p. 7).

A importante discussão encontrada nessa matéria do jornal *Le Monde Diplomatique* situa-se em verificar que os planos de saúde estão com recursos duas vezes maiores que o SUS

²⁰ MATOR, Leonardo. Instabilidade global, universalidade radical. *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, n. 148, p. 6-7, novembro/2019.

e discutem a futura possibilidade de serem eles o substituidores do sistema único de saúde, “mais planos, menos SUS”. Ou seja, corte de recursos públicos e expansão de planos privados.

Tendo em vista o conteúdo midiático de propagandas, práticas corporais e tecnologias que faz a saúde se tornar um assunto e uma preocupação de caráter individual, não é impactado apenas o desejo do controle do corpo por parte daqueles que podem e querem investir seu capital na busca de uma vida mais saudável. A privatização da saúde em nível público torna mais vulneráveis camadas sociais em desigualdade.

Dessa forma, as noções de corpo que se constituem hoje perpassam uma corporalidade que está ficando presa cada vez mais a decisões econômicas privadas e o desenvolvimento tecnológico, ao invés de ser capaz de auxiliar as populações por meio dos seus avanços, faz aumentar as problemáticas de desigualdade e vulnerabilidade social. Os novos procedimentos e produtos mercadológicos voltados para a saúde vão cegando e ampliando cada vez mais a crítica do que é corpo e saúde pelos indivíduos, que terminam por embarcar nesse cenário de desejos e necessidades criados não pela legitimação da saúde, mas em nome desse mercado. Tudo isso contribui para individualizar e fazer o controle do próprio corpo a partir da numerização da sua vitalidade, e essas passam a ser as novas formas de entendimento social da corporalidade.

Recentemente, o canal de televisão HBO transmitiu a minissérie de Russel T. Dave, *Years and Years*. A minissérie cria um imaginário futuro distópico em relação a aspectos atuais da política e economia globais, assim como para os avanços tecnológicos. O futuro desenhado pela série é um futuro próximo e se inspira em situações que já vêm ocorrendo no presente, sendo, portanto, essa projeção do futuro não tão longe do que já vivemos hoje. Entre os muitos acontecimentos da série, dois deles podem contribuir para a problematização aqui aberta, que questiona um provável novo entendimento de corpo como um conjunto de dados, um meio técnico.

O primeiro momento é quando a personagem Bethany, interpretada pela atriz Lydia West, quer se fundir com a tecnologia se transformando em uma *trans-humana*, por estar insatisfeita com o seu corpo da forma como ele é. Ela realiza uma cirurgia que implanta um *chip* na pele. Por meio desse implante, ela consegue controlar algumas funções do telefone, como atender uma ligação através da mão. O segundo acontecimento refere-se a uma amiga de Bethany, Lizzie, que se submete a um transplante de olho por uma empresa que é supostamente clandestina e se instala em um navio. O transplante consiste em uma substituição de seu olho natural, que é descartado, por um artificial, que é conectado com a câmera do celular ou *notebook*.

O interessante é que o que parece ter impulsionado a vontade das duas meninas para realizar os procedimentos cirúrgicos que vão permitir a fusão do corpo com a máquina foi a aparente insatisfação delas com relação ao corpo como ele é. O corpo aparece como uma associação ao que está ultrapassado, pois não consegue realizar as funções dos dispositivos tecnológicos modernos. As duas personagens demonstram vontade de melhorar o corpo e suas funções e isso é viabilizado pela minissérie por meio da adição ou substituição das novas tecnologias mercadológicas ao corpo. Nesse momento, é possível refletir se as novas tecnologias mercadológicas estão ultrapassando o limite do que é corpo, não sendo agora só parte deles, como dispositivos separados, mas também incluídos no corpo.

O desejo e a possibilidade de fundir corpo e máquina constituem uma realidade sugerida pela minissérie que faz parte de um futuro distópico. Porém, a sugestão desse contexto, ainda que fictício, pode nos provocar a refletir, ao observar, atualmente, quais são os limites ainda existentes entre corpo, saúde e mercado. A política do próprio corpo, que deveria fazer existir em nós uma capacidade crítica para perceber e autonomia para dialogar e reagir a biopolíticas que o condicionam, parece estar ficando cada vez mais distante da possibilidade de existir.

Este trabalho teve o objetivo de discutir sobre uma dimensão cotidiana que é a forma física e suas implicações ao longo dos séculos. O hábito de manter o corpo em forma foi se transformando em uma prática altamente simpática, algo que cativou a cultura contemporânea, parecendo ser algo inofensivo, algo que não apresentava estranhamentos no sentido de que as pessoas que gostam de pensar em práticas corporais as façam para que, com elas, possam cuidar do seu próprio corpo. Porém, a dimensão da forma física foi percebida dentro de um possível trajeto que mostrou que a saúde foi se transformando em vida saudável, e que vida saudável vai se caracterizando como estratégias do mercado para comercializar o corpo e a saúde.

Nesse momento de captura da forma física pelas academias e pela cultura *fitness* e saudável, o que se mensurava era a forma do corpo, o que era visível. O apelo pelo campo da visibilidade foi o que se apropriou desse mercado do saudável em um primeiro momento, tendo como principais referências a beleza, a estética, a configuração física no sentido de medidas, como, por exemplo, peso, altura, cintura etc. As pessoas foram sendo levadas a cada vez mais conviver com esse vocabulário e esse campo perceptivo. Porém, quando a era digital se apropria do campo do estilo de vida saudável, essa era digital se aprofunda e vai transformando o próprio corpo como um pacote de informação que devemos constantemente gerenciar e monitorar.

Essa constatação conversa com o que Nikolas Rose fala a respeito da molecularização da vida. Com a chegada da perspectiva de atuação no corpo do seu DNA, o olhar sobre o corpo não é mais a forma física, a forma do órgão, mas, sim, a de suas moléculas, e essas moléculas

vão se transformando em pacotes de informação. A vida saudável alimenta essa nova noção de corpo, fazendo existir a necessidade de agora controlar o corpo, diariamente, a partir desses aspectos e por meio das novas tecnologias existentes. Portanto, vida saudável é muito mais do que inicialmente a noção de controlar o peso e as medidas da forma do corpo. Agora o que se impõe é acessar o próprio corpo como um pacote de informação: moléculas, como caloria, colesterol, pressão, batimentos cardíacos, índices de partículas e moléculas que estão dentro do corpo. Mensurar isso diariamente começa a fazer parte do estilo de vida saudável. Os novos dispositivos tecnológicos sofisticam essa mensuração. Isso tudo vai se sofisticando e se tornando cada vez mais imaterial. O que acontece é que vamos passando a nos relacionar com o corpo de uma forma que não é mais somente física e tátil. Essa nova maneira de nos relacionarmos com o corpo foge da nossa corporeidade e se fixa em parâmetros que não conseguimos ver, mas que precisamos sempre controlar. Esses novos hábitos estabelecem uma nova relação com o corpo, com os movimentos e com a forma física.

Esse percurso de observação inusitado vai resultando e desaguando nessa questão fictícia e distópica que é a ideia do corpo como informação. O corpo se desloca, sendo quase eliminado. Permanece a vontade de controlar seus aspectos apenas por segurança. Será que foi aonde chegamos? Partimos de algo que era absolutamente cotidiano, que é querer movimentar o corpo, fazer ginástica, que pode ser saudável e inofensivo, mas que nos conduziu a uma situação complexa e mercadológica que é questionar o próprio corpo e a sua validade. Vamos deixando de perceber nossa corporalidade e vamos nos fixando nesses pacotes de informação para nos relacionarmos com o nosso corpo. E vamos passar a consumir agora a nossa própria experiência corporal apenas como esses pacotes de informação, olhar para os alimentos e ver somente as suas moléculas, basta eu saber o número, a informação? Então, o que vai se tornar isso? Para onde estamos levando o corpo? Os discursos que davam lugar e espaço ao corpo agora são discursos que falam sobre quantificar e monetizar nossa vitalidade e que, assim, constroem uma realidade que se apropria dessas perspectivas numéricas do corpo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Tradução Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

APPLE. **Monitor proativo de saúde**. Disponível em: <https://www.apple.com/br/apple-watch-series-5/health/>. Acesso em: 11 jan. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERNARDI, D.; CONTRERAS, E. Focada na meta final. **Boa Forma**. São Paulo: Editora Abril, n. 1, novembro/2015. p. 42-43.

BOA FORMA. **Edição de Aniversário**. São Paulo: Editora Azul, ed. 70, n. 4. 1993.

BOA FORMA. **Capa**. São Paulo: Editora Abril, n. 4, março/1993.

BOA FORMA. **Direto ao ponto**. São Paulo: Editora Abril, n. 6, 2004. P. 16-17.

BOA FORMA. **Capa**. São Paulo: Editora Abril, n. 11, novembro/2007.

BOA FORMA. **Novo app #atitude boa forma**. São Paulo: Editora Abril, n. 1, novembro/2015. p. 124-125.

CENTRUM. Qual o preço da elegância? **Boa Forma**. São Paulo: Editora Abril, n. 11, novembro/2007.

COLLUCCI, C. Lipoaspiração volta a ser cirurgia mais realizada no Brasil. **Folha de S.Paulo**. 24 jan. 2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2013/01/1219556-lipoaspiracao-volta-a-ser-cirurgia-plastica-mais-realizada-no-brasil.shtml>. Acesso em: 11 jan. 2020.

COSTA, L. Boa e em plena forma. **Boa Forma**, São Paulo, n. 4, março/1993. P. 3.

COSTA, R. Vida Funcional e a sustentabilidade de si. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 10, p. 25-32, 2011.

COSTA, R. Políticas da Vida e Pedagogia do Corpo. *In*: CARVALHO, Y. M.; FRAGA, A. B.; GOMES, I. M. (Org.). **As Práticas corporais do Campo da Saúde – III**. 1. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2016. p. 10-29.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **Comum**. Ensaio sobre revolução no século XXI. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2017.

- ESCOSSIA G. Por uma ética da Metaestabilidade na relação homem-técnica. *In: O reencantamento do concreto. Cadernos de Subjetividade*. São Paulo: Educ, 2003. p. 178-186.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- FONTENELLE, I. Mídia, acesso e mercado da experiência. **Contracampo**, Rio de Janeiro, n. 10/11, 2004. , p. 185-198.
- FONTENELLE, I. O fetiche do eu autônomo: consumo responsável, acesso e redenção como mercadoria. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, n. 2, 2010. p. 215-224.
- FONTENELLE, I. Consumo como investimento: a produção do consumidor saudável pela mídia de negócios. **CMC**, São Paulo, n. 24, maio 2012. p. 133-152.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução e organização Roberto Machado. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREITAS, A. Como a falta de saneamento básico no Brasil reflete e acentua a desigualdade social. **Nexo Jornal**. São Paulo, 31 maio 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/05/31/Como-a-falta-de-saneamento-b%C3%A1sico-no-Brasil-reflete-e-acentua-a-desigualdade-social>. Acesso em: 11 já. 2020.
- GLEICK, J. **A informação**. Uma história, uma teoria, uma enxurrada. Tradução Augusto Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- GOMES, C. Sua opinião é muito importante. **Boa Forma**, São Paulo, n. 11, novembro/2006. p. 10.
- GREINER, C. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.
- HJARVARD, S. Mídiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, São Paulo, n. 2, jan. /jun. 2012. p. 29-52,
- IBGE. **Estatísticas Sociais**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude.html>. Acesso em: 11 jan. 2020.
- KATZ, H. O papel do corpo na transformação da política em biopolítica. **Trama interdisciplinar**, São Paulo, ano 1, v. 3, 2010. p. 18-27.
- KATZ, H.; GREINER, C. Corpo e processos de comunicação. **Revista Fronteiras**, São Leopoldo, v. 3, n. 2, 2001. p. 65-74.
- KATZ, H.; GREINER, C. **Arte e cognição**: corpomídia, comunicação, política. São Paulo: Annablume, 2015.
- LUBLINSK, D. Mix de beleza: tratamentos. **Boa Forma**, São Paulo, n. 5, maio/2015. p. 27.

MARTÃO, W. Antiginástica: Harmonia e equilíbrio. **Saúde é vital**, São Paulo, n. 2, fevereiro/1990. p. 34-39.

MATOR, L. Instabilidade global, universalidade radical. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, n. 148, novembro/2019. p. 6-7.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Cresce em 264% o número de casos de dengue no país. **Agência Saúde**. 25 mar. 2019. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/45314-cresce-em-264-o-numero-de-casos-de-dengue-no-pais>. Acesso em: 11 jan. 2020.

MOVIMENT. Saúde e beleza para seu corpo. **Boa Forma**. São Paulo: Editora Abril, n. 4, março/1993. p. 85.

MY HERITAGE. **Descubra sua história familiar**. Disponível em: www.myheritage.com.br. Acesso em: 11 jan. 2020.

PRADO, J. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: Educ, 2013.

REZENDE, L.; RIGONI, G. Rede social testa autoestima e pode piorar depressão e ansiedade. **Folha de S.Paulo**, 24 jun. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2019/06/rede-social-testa-autoestima-e-pode-piorar-depressao-e-ansiedade.shtml>. Acesso em: 11 jan. 2020.

ROCHE. Redoxon. A vitamina da geração saúde. **Boa Forma** São Paulo: Editora Abril, n. 4, março/1993.

ROSE, N. **A política da própria vida**: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. Tradução Paulo Ferreira Valerio. São Paulo: Paulus, 2013.

ROSE, N.; RABINOW, P. O conceito de biopoder hoje. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 24, abril 2006. p. 27-57,

SAÚDE É VITAL. **Capa**. São Paulo: Editora Azul, n. 2, fevereiro/1990. p. 11.

SILVEIRA, J. No meio está a virtude: 20 dicas para manter a forma, a beleza e a saúde sem ser radical. **Boa Forma**, São Paulo, n. 4, março/1993. p. 60-61.

SIMONDON, G. A gênese do Indivíduo. *In*: O reencantamento do concreto. **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo: Educ, 2003. p. 98-117.

SODRÉ, L. Top 6! Malhação com as amigas. **Boa Forma**, São Paulo, n. 1, janeiro/2015. p. 8-9.

TEIXEIRA, A. Boa forma: emagrecer. **Boa Forma**, São Paulo, n. 4, outubro/1997. p. 5.

TRATA BRASIL. **Saneamento básico**. Disponível em: <http://www.tratabrasil.org.br/blog/category/saude/>. Acesso em: 11 jan. 2020.

ULTRAFARMA. Suplementos, vitaminas e minerais: Sidney Oliveira. **Boa Forma**. São Paulo: Editora Abril, n. 5, maio/2015. p. 81.

VÊNUS. Maurício Mattar é saúde com qualidade vênus. **Boa Forma**. São Paulo: Editora Abril, n. 4, março/1993. p. 13.

VIRNO, P. **Gramática da multidão**: para uma análise das formas de vida contemporâneas. São Paulo, Annablume, 2013.

ZEBINI, D.; ECHEVERRIA, M. Congelar o cordão umbilical vale a pena? **Crescer**. 7 nov. 2017. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2017/11/congelar-o-cordao-umbilical-vale-pena.html>. Acesso em: 11 jan. 2020.